

MANUAL DE NORMAS TÉCNICAS PARA EXECUÇÃO DE ATIVIDADES DE CONTROLE DE VETORES

São José do Rio Preto

2011

APRESENTAÇÃO

Em 1998, junto com a municipalização, foi implantado o Programa de Controle da Dengue onde os agentes de vetores realizavam visitas periódicas levando informações restritas ao tema dengue e a retirada de criadouros, de uma forma centralizada na Vigilância Epidemiológica. Com o passar do tempo e a estruturação do trabalho dos agentes, as ações repetitivas geravam desgastes na relação agente-morador e desmotivação profissional.

Com a implantação da Saúde da Família, os agentes de vetores estavam desvinculados a essas unidades de saúde, apresentando baixa percepção do território e sem vínculo com a comunidade, além de “duplicidade” de ações no território. Assim, em 2002, optou-se pela otimização dos recursos humanos, incorporando nas ações dos Agentes Comunitários de Saúde as ações de controle do vetor (eliminação e tratamento de criadouros), atendendo a Portaria nº 44/GM, de 03 de janeiro de 2002.

Nesta mesma perspectiva, no final de 2004, os agentes de saúde ligados à Vigilância Epidemiológica foram descentralizados para as Unidades Básicas de Saúde (UBS) com o objetivo de implantar e ampliar o “olhar” de vigilância nos territórios do município. O novo enfoque passou a ser não somente no controle da dengue, e sim, em outras necessidades da população. A ação foi baseada em pesquisas qualitativas do trabalho dos agentes, tanto na visão do trabalhador como na do morador.

A análise atual do processo de trabalho dos agentes aponta para a necessidade de clarear as ações e as responsabilidades de cada ator envolvido no processo de controle da dengue, tanto no nível técnico como na esfera administrativa.

Por fim, a construção deste manual, com as diversas diretorias e coordenações, deve, sempre de forma dinâmica, contribuir para o processo de trabalho dos atores envolvidos nesta ação, fortalecendo a gestão.

SUMÁRIO

1	Da Territorialização	4
2	Da Organização do processo de trabalho	5
	2.1. As atribuições	5
	a. Atribuições comuns dos profissionais das equipes	5
	b. Atribuições do Agente de Saúde da Atenção Básica	6
	c. Atribuições do Supervisor de Campo de Agentes de S. da Atenção Básica	9
	d. Atribuições do Enfermeiro	11
	e. Atribuições do Gerente	12
	f. Atribuições das Equipes Distritais	12
	g. Atribuições do Diretor de Atenção Básica	13
	h. Atribuições da Vigilância Ambiental (Área Técnica de Controle de Vetores)	13
	2.2. Organograma	14
3	Das ações de campo	15
	3.1. Conceitos	15
	a. Edificações térreas ou assobradadas	15
	b. Prédios de apartamentos	15
	c. Casas de cômodos ocupados por diferentes famílias	15
	d. Lotes com várias casas	15
	e. Edificações de grande porte	15
	f. Praças, parques e jardins públicos	16
	g. Obras em andamento ou paradas	16
	h. Terrenos baldios	16
	3.2. Atividade de Casa a Casa	18
	3.3. Pontos Estratégicos (PE)	23
	3.4. Imóveis Especiais (IE)	24
4	Sistemas de Informação	25
5	Anexos	26

1. DA TERRITORIALIZAÇÃO

A territorialização consiste em um dos pressupostos da organização dos processos de trabalho e das práticas de saúde, considerando-se uma atuação em uma delimitação espacial previamente determinada. A territorialização de atividades de saúde vem sendo preconizada por diversas iniciativas no interior do Sistema Único de Saúde (SUS), como o Programa Saúde da Família, a Vigilância Ambiental em Saúde, Cidades Saudáveis e a própria descentralização das atividades de assistência e vigilância. No entanto, essa estratégia, muitas vezes, reduz o conceito de espaço utilizado de uma forma meramente administrativa, para a gestão física dos serviços de saúde, negligenciando-se o potencial deste conceito para a identificação de problemas de saúde e de propostas de intervenção.

Muito além de ser meramente o espaço político-operativo do sistema de saúde, o território do distrito sanitário ou do município, onde se verifica a interação população-serviços no nível local, caracteriza-se por uma população específica, vivendo em tempo e espaço determinados, com problemas de saúde definidos e que interage com os gestores das distintas unidades prestadoras de serviços de saúde. Esse espaço apresenta, portanto, além de uma extensão geométrica, um perfil demográfico, epidemiológico, administrativo, tecnológico, político, social e cultural, que o caracteriza como um território em permanente construção ¹.

O reconhecimento desse território é um passo básico para a caracterização da população e de seus problemas de saúde, bem como para a avaliação do impacto dos serviços sobre os níveis de saúde dessa população. Além disso, permite o desenvolvimento de um vínculo entre os serviços de saúde e a população, mediante práticas de saúde orientadas por categorias de análise de cunho geográfico. Essa proposta, contida no novo modelo de vigilância em saúde, é justificada pelo agravamento das desigualdades sociais associado a uma segregação espacial aguda, que restringem o acesso da população a melhores condições de vida.

A concepção tradicional de saúde, pautada no modelo médico-assistencial, fez com que o setor saúde ficasse impotente em face dos problemas provocados pelo intenso processo de aglomeração e exclusão social ². Dessa forma, vem se fortalecendo a idéia das ações de promoção da saúde, orientadas para as ações coletivas e intersetoriais, independentemente do sistema de atenção à saúde. A atenção voltada para a produção social da saúde das populações gera

a necessidade de esclarecer as mediações que operam entre as condições reais em que ocorre a reprodução dos grupos sociais no espaço e a produção da saúde e da doença.

2. DA ORGANIZAÇÃO DO PROCESSO DE TRABALHO

A avaliação e monitoramento de todo o processo de trabalho das ações técnicas de Controle a Dengue, envolvendo desde a revisão das ações/atribuições dos agentes, supervisores, gerentes, coordenadores de distritos, coordenadores de áreas técnicas e diretores, até a clareza do uso e disponibilidades dos materiais de trabalho, bem com os fluxos, tanto administrativos como os relacionados às ações de campo. O objetivo deste item é clarear as ações e as atividades dos agentes de saúde e agentes comunitários de saúde, o processo de trabalho e os fluxos e hierarquias estabelecidas, baseados em apontamentos das auditorias realizadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2010.

2.1. As atribuições

a. Atribuições Comuns dos Profissionais das Equipes

- I. Participar do processo de territorialização e mapeamento da área de atuação da equipe, identificando grupos, famílias e indivíduos expostos a riscos, inclusive aqueles relativos ao trabalho, e da atualização contínua dessas informações, priorizando as situações a serem acompanhadas no planejamento local;
- II. Realizar o cuidado em saúde da população adscrita, prioritariamente no âmbito da unidade de saúde, no domicílio e nos demais espaços comunitários (escolas, associações, entre outros), quando necessário;
- III. Realizar ações de atenção integral conforme a necessidade de saúde da população local, bem como as previstas nas prioridades e protocolos da gestão local;
- IV. Garantir a integralidade da atenção por meio da realização de ações de promoção da saúde, prevenção de agravos e curativas; e da garantia de atendimento da demanda espontânea, da realização das ações programáticas e de vigilância à saúde;
- V. Realizar busca ativa e notificação de doenças e agravos de notificação compulsória e de outros agravos e situações de importância local;
- VI. Realizar a escuta qualificada das necessidades dos usuários em todas as ações, proporcionando atendimento humanizado e viabilizando o estabelecimento do vínculo;

- VII. Responsabilizar-se pela população adscrita, mantendo a coordenação do cuidado mesmo quando esta necessita de atenção em outros serviços do sistema de saúde;
- VIII. Participar das atividades de planejamento e avaliação das ações da equipe, a partir da utilização dos dados disponíveis;
- IX. Promover a mobilização e a participação da comunidade, buscando efetivar o controle social;
- X. Identificar parceiros e recursos na comunidade que possam potencializar ações intersetoriais com a equipe, sob a coordenação da SMS;
- XI. Garantir a qualidade do registro das atividades nos sistemas nacionais de informação na Atenção Básica;
- XII. Participar das atividades de educação permanente;
- XIII. Realizar outras ações e atividades a serem definidas de acordo com as prioridades locais.

b. Atribuições do Agente de Saúde da Atenção Básica

Macro diretrizes:

- I. Desenvolver ações que busquem a integração entre a equipe de saúde e a população adscrita à UBS, considerando as características e as finalidades do trabalho de acompanhamento de indivíduos e grupos sociais ou coletividade;
- II. Trabalhar com adscrição de famílias em base geográfica definida, a micro área;
- III. Estar em contato permanente com as famílias desenvolvendo ações educativas, visando à promoção da saúde e a prevenção das doenças, de acordo com o planejamento da equipe;
- IV. Cadastrar todas as pessoas de sua micro área e manter os cadastros atualizados;
- V. Orientar famílias quanto à utilização dos serviços de saúde disponíveis;
- VI. Desenvolver atividades de promoção da saúde, de prevenção das doenças e de agravos, e de vigilância à saúde, por meio de visitas domiciliares e de ações educativas individuais e coletivas nos domicílios e na comunidade, mantendo a equipe informada, principalmente a respeito daquelas em situação de risco;

- VII. Acompanhar, por meio de visita domiciliar, todas as famílias e indivíduos sob sua responsabilidade, de acordo com as necessidades definidas pela equipe;
- VIII. Cumprir com as atribuições atualmente definidas para os ACS em relação à prevenção e ao controle da malária e da dengue, conforme a Portaria nº 44/GM, de 3 de janeiro de 2002.

Nota: É permitido ao ACS desenvolver atividades nas unidades básicas de saúde, desde que vinculadas às atribuições acima.

Micro diretrizes:

O Agente de Saúde é um profissional que atua primordialmente na comunidade e tem como atribuição principal à **visita domiciliar**, portanto esta atividade exige um sujeito dinâmico, comunicativo, participativo, ético e atento à dinâmica da comunidade onde atua, reconhecendo os recursos existentes e dificuldades a serem superadas. Sendo parte da equipe de saúde, todas as suas ações refletem no processo de trabalho da equipe e também na comunidade. Apresentar-se adequadamente com uniforme, portando crachá de identificação e zelando pelo material de trabalho reforça a imagem de educador em saúde.

- I. Realizar visitas domiciliares (VD) na área de abrangência de sua Unidade de Saúde, realizando as ações de controle à dengue, principalmente a **RETIRADA DE CRIADOUROS**, quando encontrados, **COM OU SEM A PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES**;

Nota: O agente de saúde também realiza visita nos seguintes imóveis especiais: Unidade de Saúde, Unidades Escolares, Igrejas e outros locais de grande concentração de pessoas, exceto os imóveis que constam na listagem de imóveis especiais (IE) e pontos estratégicos (PE) que são visitados por equipe designada;

- II. Orientar as famílias nas visitas domiciliares sobre temas específicos para o mês levantados pela Unidade de Saúde e de acordo com as metas estabelecidas pela SMS;
- III. Orientar as famílias da comunidade para a utilização adequada dos serviços de saúde em sua Unidade e no Município. Utilizar o informativo da Unidade de Saúde*.

(*) Cada equipe de saúde deverá manter as informações sempre atualizadas.

- IV. Abordar os moradores a partir da identificação de fatores de risco (moradia, ambiente) sobre outros vetores e animais nocivos;

- V. Cadastrar e atualizar os imóveis, identificando aqueles em situação de risco e registrando no **Histórico do Imóvel**;
- VI. Planejar e executar as pendências nas VD diária, semanal e mensalmente;
- VII. Realizar e somar o censo de edificações por micro-área bimensalmente, justificando as alterações e entregar ao supervisor;
- VIII. Manter atualizado o mapeamento da sua micro-área dentro da área de abrangência de sua Unidade de Saúde, priorizando o registro de edificações domiciliares, de esportes, recreação e lazer, de cultura, educação e saúde, de empreendimentos econômicos e religiosos, de terrenos baldios, córregos, áreas verdes e praças. A atualização dos recursos e necessidades facilitará o planejamento e execução das ações;
- IX. Atender as solicitações do disque-saúde por área de abrangência, entregue pelo supervisor, distribuído por micro-área, respeitando o prazo máximo de 5 dias para resposta e devolver para o supervisor;

Nota: O Agente de Saúde deverá informar o seu supervisor sobre encaminhamentos das solicitações que necessitam de um prazo maior.

- X. Realizar VD priorizadas pelas Unidades de Saúde, tais como: faltosos no tratamento de hanseníase, vacina anti-rábica, gestantes faltosas na consulta de pré-natal, faltosas na consultas de puerpério, bebê de risco, e carta Bolsa Família*;

(*) Para estes casos ou casos semelhantes, a equipe da Unidade de Saúde seguirá o seguinte fluxo: Primeiro tenta falar com o usuário por telefone, em segundo lugar, enviar carta (via correio) e, como última alternativa, solicitar ao Agente de Saúde para levar a carta na VD dentro da rotina de trabalho.

- XI. Quanto ao paciente positivo de Tuberculose: supervisionar a tomada diária da medicação específica, quando indicada, e o comparecimento às consultas;
- XII. Auxiliar nas situações de bloqueio com prioridade para Dengue e outras doenças. Ex: sarampo, rubéola, varicela, caxumba e raiva canina;

Nota: Nas situações de bloqueio controle de criadouros para casos suspeitos ou positivos para DENGUE, o Agente de Saúde também fará visita nos pontos estratégicos (Exemplos: barracharia, ferro-velho, cemitério, locais de comércio de recicláveis e outros locais que tenham grande quantidade de criadouros em potenciais.) e imóveis especiais da área de

abrangência (escolas, igrejas, aeroporto, rodoviária, supermercado e outros locais de grande fluxo de pessoas);

- XIII. Participar de: reuniões de equipe semanal e mensal; fórum dos Agentes de Saúde; capacitação de monitores para Lian-Gong; educação continuada e educação permanente; reunião intersetorial;
- XIV. Informar aos demais membros da equipe de saúde na reunião semanal de equipe sobre a dinâmica da comunidade; seus recursos disponíveis, parcerias, necessidades e os problemas na área de abrangência. Ex: situações de violência, acamados, etc.
- XV. Participar no processo de planejamento, execução e avaliação das ações relativas à área de abrangência, de acordo com os pactos definidos na Unidade de Saúde, com vistas à superação dos problemas identificados no território;
- XVI. Realizar ADL (Avaliação de Densidade Larvária);
- XVII. Organizar grupos de Lian-Gong ou caminhada, na sua micro-área, sendo o motivador e monitor dos mesmos.
- XVIII. Desenvolver ações de Atenção Básica em Saúde, com ênfase na promoção da saúde e prevenção de doenças. Promover ações educativas, atividades de incentivo ao autocuidado e mobilização de pessoas da comunidade, visando à melhoria da qualidade de vida com intervenções coletivas nas áreas de saneamento e meio ambiente, tendo como prioridade a prevenção da dengue.

Nota: Na impossibilidade de realizar VD (chuva, falta de viatura para área rural) a equipe de Agente de Saúde poderá usar o tempo para planejar e/ou desenvolver ação educativa na Unidade de Saúde. Ex: sala de espera, oficinas, grupos educativos, etc. Participar de educação continuada e educação permanente e/ou organização administrativa. A chuva ou outra intercorrência, não dispensa o funcionário de cumprir suas atividades diárias.

c. Atribuições do Supervisor de Campo dos Agentes de Saúde da Atenção Básica

- I. Auxiliar no acompanhamento e correção dos boletins;
- II. Auxiliar na organização e distribuição dos agentes as ações específicas do Índice de Breteau;
- III. Auxiliar na representação das unidades nas orientações da VA e da SMS;

- IV. Auxiliar na busca de materiais no almoxarifado planejando para que o motorista da Unidade os retire;
- V. Auxiliar no controle do ponto e banco de horas em conjunto com a gerente;
- VI. Participar das reuniões de equipes e levantar as dificuldades de logística de cada unidade;
- VII. Participar da reunião mensal intersetorial e reuniões na SMS quando convocados;
- VIII. Participar dos Fóruns dos Agentes;
- IX. Incentivar os agentes a adesão as atividades de exercícios para saúde (Liang Gong);
- X. Auxiliar nas visitas de notificação de casos suspeitos de dengue, outros vetores e animais nocivos. Esta busca ativa poderá ser realizada junto com profissionais de saúde, inclusive a definição de necessidade de realização de bloqueio;
- XI. Dar apoio junto aos profissionais de saúde as ações de bloqueio, inclusive das doenças exantemáticas (sarampo, rubéola, catapora, etc) e também no bloqueio de raiva animal;
- XII. Incentivar os agentes no uso de informativos, mantendo-os atualizados das ações e números;
- XIII. Auxiliar na resolução das situações referidas pelos agentes, que impedem as visitas dos agentes (resistência de moradores, piscinas não tratadas, terreno baldio com mato alto, buraco na rua com água, casas abandonadas, criação de porcos, galinhas, cachorros que impedem as visitas);
- XIV. Auxiliar no tratamento de criadouros de difícil controle de larvas ou onde não se localiza o morador – aplicação de larvicida;
- XV. Planejar em equipe, as visitas priorizadas e pré definidas em reuniões, de forma a atender aquelas situações que demandem deslocamento de técnicos da unidade, por viatura a domicílios da área de abrangência;
- XVI. Acompanhar e auxiliar as atividades dos carroceiros, duas vezes por semana, no planejamento do roteiro de trabalho, facilitando o acesso as informações da equipe, ajudando a elaborar relatório mensal;
- XVII. Auxiliar na adoção de nova abordagem nas VD, de acordo com as metas constantes na programação mensal da SMS;

- XVIII. Receber, distribuir, acompanhar e elaborar relatório das solicitações do Disque Saúde, respeitando prazo de 05 dias úteis, a contar do dia do recebimento e enviá-lo a Coordenação de Vigilância Ambiental;
- XIX. Auxiliar na elaboração do relatório diário de produção dos agentes e enviá-los para o secretario executivo da unidade para alimentar a planilha de monitoramento;
- XX. Auxiliar na elaboração do relatório semanal de produção dos agentes e enviá-los para o NIVS, toda segunda-feira, através do malote;
- XXI. Auxiliar a equipe, no controle e solicitação de pedidos de materiais de consumo (boletins, relatórios, informativos, etc);
- XXII. Realizar supervisão direta e indireta conforme pactuação;
- XXIII. Realizar atividades de promoção no território através de grupos educativos (na Unidade e na comunidade);
- XXIV. Realizar parcerias com escolas e outros setores do território a fim de desenvolver ações em conjunto.

d. Atribuições do Enfermeiro

- I. Realizar assistência integral (promoção e proteção da saúde, prevenção de agravos, diagnóstico, tratamento, reabilitação e manutenção da saúde) aos indivíduos e famílias na USF e, quando indicado ou necessário, no domicílio e/ou nos demais espaços comunitários (escolas, associações etc), em todas as fases do desenvolvimento humano: infância, adolescência, idade adulta e terceira idade;
- II. Conforme protocolos ou outras normativas técnicas estabelecidas pelo gestor municipal ou do Distrito Federal, observadas as disposições legais da profissão, realizar consulta de enfermagem, solicitar exames complementares e prescrever medicações;
- III. Planejar, gerenciar, coordenar e avaliar as ações desenvolvidas pelos ACS;
- IV. Capacitar os agentes de saúde;
- V. Supervisionar, coordenar e realizar atividades de educação permanente dos ACS e da equipe de enfermagem;

- VI. Contribuir e participar das atividades de Educação Permanente do Auxiliar de Enfermagem, ACD e THD; e
- VII. Participar do gerenciamento dos insumos necessários para o adequado funcionamento da USF.

e. Atribuições do Gerente

Macro diretrizes:

- I. Planejar, coordenar, avaliar e monitorar as ações desenvolvidas pela Unidade, em consonância com as políticas saúde do município. Responsabilizar-se pelas operações e cobrar resultados dos operadores da unidade de saúde.

Micro diretrizes:

- I. Avaliar tecnicamente com o enfermeiro as ações de campo;
- II. Monitorar o planejamento das ações de campo;
- III. Coordenar administrativamente os agentes, supervisores de campo e motorista (ponto, férias, banco de horas);
- IV. Avaliar e decidir as medidas administrativas necessárias competentes em cada situação (livro de intercorrências, advertência, suspensão de atividades e demissão);
- V. Reunir-se semanalmente com as equipes de campo para o planejamento e avaliação das ações da semana;
- VI. Gerenciar o uso das viaturas;

f. Atribuições das Equipes Distritais

Acompanhar, monitorar e apoiar a atenção em saúde no território das Unidades de Saúde de cada Distrito de Saúde, em consonância com as diretrizes do Município, da Secretaria de Estado da Saúde e do Ministério da Saúde, como interlocutor da gestão.

Micro diretrizes:

- I. Participar esporadicamente e quando necessário das reuniões semanais dos agentes;
- II. Participar das decisões administrativas referentes a conduta profissional dos agentes, seja no que tange a área técnica ou ao relacionamento interpessoal;

- III. Avaliar/monitorar mensalmente a produção dos agentes, bem como a cobertura da área de abrangência;
- IV. Realizar esporadicamente, supervisão indireta dos agentes;

g. Atribuições do Diretor de Atenção Básica

Formular, operacionalizar e monitorar as políticas de saúde, junto ao Secretário de Saúde, em consonância com as diretrizes do Município, da Secretaria de Estado da Saúde e do Ministério da Saúde. Compatibilizar, integrar e responsabilizar-se pelas ações da Diretoria de Atenção Básica.

h. Atribuições da Vigilância Ambiental (Área Técnica de Controle de Vetores)

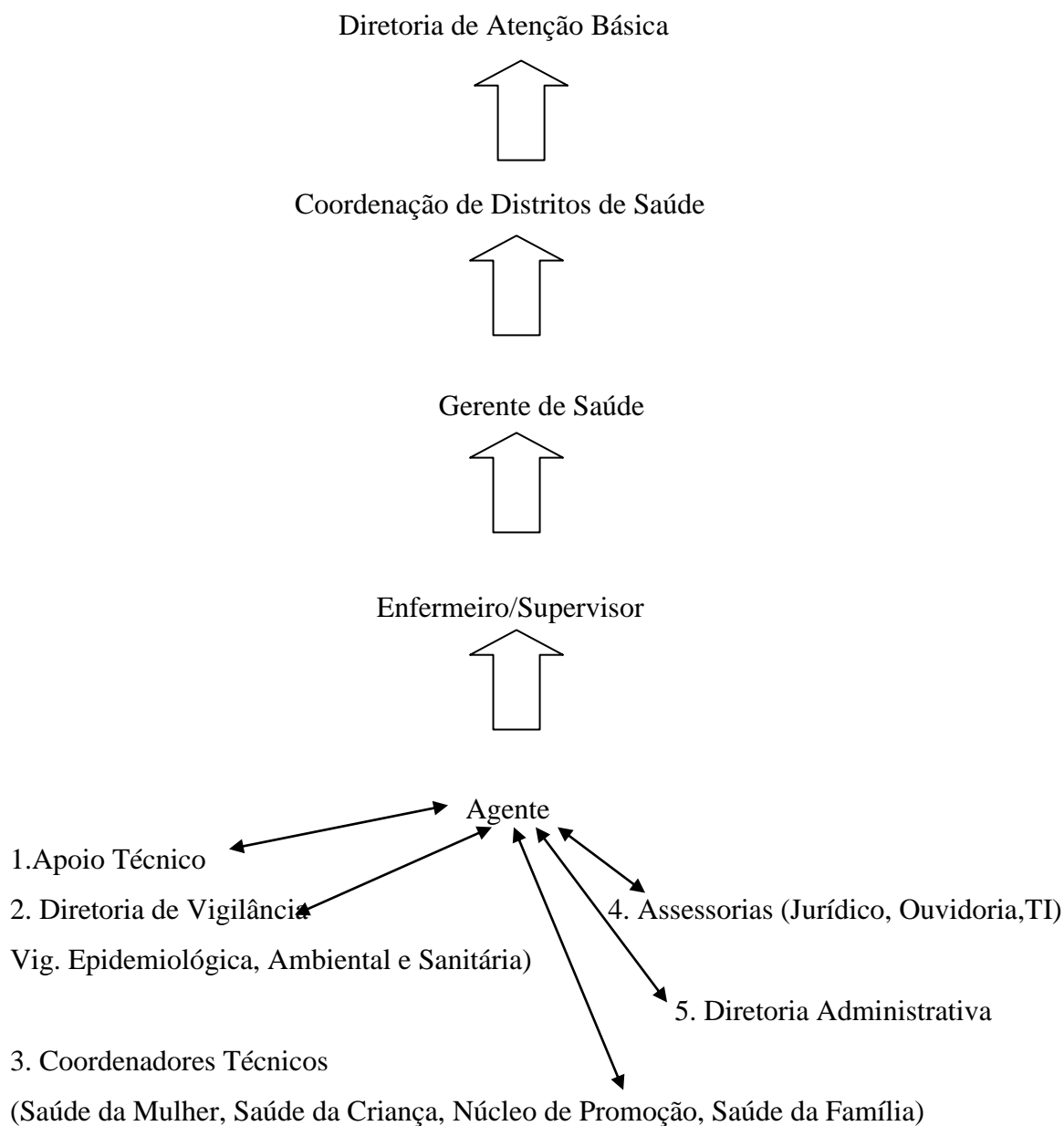
Macro diretrizes:

- I. Dirigir, coordenar e supervisionar as ações de Controle de Vetores relacionados ao meio ambiente e que interferem na saúde humana em consonância com a política municipal de Vigilância Ambiental do Município. Responsabilizar-se pela execução da Política proposta.

Micro diretrizes:

- I. Receber e resolver os problemas encontrados no campo, referentes aos vetores;
- II. Receber, encaminhar e monitorar as reclamações recebidas pelo disque dengue;
- III. Apoiar tecnicamente todas as ações das equipes de saúde referente ao controle de vetores;
- IV. Capacitar as equipes de saúde referente às ações de controle de vetores;
- V. Disponibilizar e controlar a necessidade dos EPI's, uniformes e materiais necessários às ações de campo, com a logística de apoio do almoxarifado;
- VI. Apoiar nas tomadas de decisões administrativas, dos agentes e supervisores de campo, em conjunto com os coordenadores de distritos;

ORGANOGRAMA



3. DAS AÇÕES DE CAMPO

3.1 Conceitos

Imóvel:

Corresponde à unidade de trabalho e de registro de informações para todas as atividades de operação de campo. Os conceitos detalhados para os diversos tipos de imóveis constam a seguir:

a. Edificações térreas ou assobradadas: O imóvel compreende a parte interna da edificação e externa (jardins, pátios e quintais). Essas edificações são utilizadas para diversos fins: residência, comércio, indústria, serviço de saúde, educação...

b. Prédios de apartamentos: São considerados imóveis, os apartamentos e área coletiva do condomínio (portaria, garagem, jardim, piscina, quadras esportivas, hall de entrada, salão de festa, salão de jogos, caixas d'água, etc..). A área coletiva será identificada apenas pelo número do edifício e cada apartamento pelo número do edifício seguido do número do apartamento. No caso de vários blocos, considerar a área coletiva de cada bloco como 1 edificação e a área comum a todos os blocos deverá ser considerada como mais 1 edificação.

c. Casas de cômodos ocupados por diferentes famílias: Cada conjunto bem definido de cômodos contíguos utilizados por uma mesma família corresponderá a um imóvel, se funcionar como residência, ou seja, tiver banheiro, cozinha além dos dormitórios. Neste caso, além dos imóveis correspondentes a cada família, a área coletiva será considerada como mais um imóvel. A área coletiva será identificada pelo número da casa e cada conjunto de cômodos ocupados por uma família, pelo número da casa seguido da letra a, b, c. Sempre que a delimitação de cada residência não esteja bem definida, a casa de cômodos será contada como um único imóvel.

d. Lotes com várias casas: cada casa será considerada como um imóvel, incluindo a área de quintal correspondente. A casa identificada com número oficial receberá esse número e as demais, se de fundos ou laterais, o mesmo número seguido dos números 1, 2, 3..., seguindo o sentido horário. Exemplo: No 183, 183-1, 183-2...

e. Edificações de grande porte: hospitais, ambulatórios, serviços de pronto socorro, unidades básicas de saúde, estabelecimentos de ensino, quartéis, penitenciárias, hotéis, cultos religiosos, teatros, centros esportivo/culturais, casas comerciais de grande porte, indústrias e clubes.

Esses imóveis constituirão um único imóvel quando ocuparem parte de um quarteirão ou um quarteirão inteiro. Se ocuparem mais de um quarteirão, a área correspondente a cada quarteirão constituirá um imóvel, exceto para aqueles cujo arruamento faça parte do imóvel.

f. Praças, parques e jardins públicos: Cada praça, parque ou jardim, incluindo as edificações públicas existentes, constituirá um único imóvel, sempre que estes abranjam parte de um quarteirão ou um quarteirão inteiro. Se ocuparem mais de um quarteirão, a área correspondente a cada quarteirão constituirá um imóvel.

g. Obras em andamento ou paradas: Construções em qualquer etapa do projeto ou paradas, incluindo canteiro de obra, área de vigilância e vendas constituirá um único imóvel.

h. Terrenos baldios: Serão considerados terrenos baldios, aqueles imóveis localizados em quarteirões devidamente arruados ou similares, distantes até 100 metros das últimas edificações. A delimitação de um terreno baldio seguirá os seguintes critérios:

- I. Terreno baldio murado - TBM - sua delimitação seguirá os limites definidos pelos muros ou cercas.
- II. Terreno baldio não murado- TB – para sua delimitação, deve-se percorrer o quarteirão no sentido horário, iniciando na esquina mais ao Norte do quarteirão (ver item III 1.1.2), podendo-se encontrar as seguintes situações:
 - Quarteirão (Q) sem nenhuma edificação (ED) ou TBM: O TB abrangerá todo o quarteirão (Fig. 1). Terá como endereço, o nome da rua na qual será iniciada a vistoria, seguido das anotações TB ou TBM.
 - Quarteirões com ED e/ou TBM: Se na esquina mais ao Norte houver um TB, este terá início nessa esquina e, seguindo-se o sentido horário, terminará na primeira ED ou TBM existente no quarteirão. Terá como endereço o nome da rua onde o mesmo teve início, seguido de TB. Após a(s) ED(s) ou TBM(s), havendo outro TB, este iniciará logo em seguida à ED ou TBM e terminará na próxima ED ou TBM, ou na esquina onde foi iniciado o trabalho, caso não existam outras EDs ou TBMs no quarteirão (Fig. 2 a 4).

Classificação do Imóvel quanto à situação no momento da visita

Imóvel Trabalhado

É todo o imóvel no qual foi possível ter acesso para realização das ações previstas na atividade em desenvolvimento.

Imóvel Pendente

Serão consideradas cinco modalidades de pendência:

- Fechado: É todo o imóvel no qual não houve acesso por estar fechado e não se obteve informações de que o mesmo esteja desocupado. Imóveis onde estejam presentes apenas crianças deverão ser incluídos como fechados, pois a conduta para eliminar a pendência será idêntica a de imóveis sem nenhuma pessoa presente.

- Desocupado: É todo o imóvel no qual não houve acesso e se obteve informações que o mesmo está desocupado.

- Temporada: É todo o imóvel no qual não houve acesso, e se obteve informações que o mesmo é de temporada.

- Parcial: É todo o imóvel no qual não foi permitido o acesso a parte do imóvel.

- Recusa: É todo o imóvel no qual não foi permitido o acesso pelo responsável.

Esta última situação não deve ser confundida com a não execução de todas as medidas de controle necessárias, pela impossibilidade de sua realização no momento da visita, o que gera a programação de uma visita para atender uma demanda e não para resolver uma pendência parcial.

Vistoria do Imóvel

É a inspeção das várias áreas do imóvel de acordo com norma técnica da atividade.

Vistoria de Recipientes

É a inspeção de todos ou de amostra de recipientes, de acordo com a norma técnica da atividade, para verificar se os mesmos contêm água ou se podem vir a contê-la e se estão adequadamente vedados.

Pesquisa Larvária de Imóvel

É a busca de larvas de mosquitos em recipientes presentes no imóvel.

Pesquisa Larvária de Recipiente

É a busca de larvas de mosquitos em recipientes com água e sem vedação adequada, excluídos o vaso sanitário, a caixa de descarga e o ralo de box de banheiros de uso diário. A coleta ou não de larvas, depende da atividade.

Captura de Alados

É a busca e coleta de alados por meio da técnica de coleta indicada na atividade.

Medidas de Controle de Criadouros

É a adoção de qualquer tipo de ação que elimine ou inviabilize recipientes com presença de larvas ou com potencial para sua proliferação. No Anexo 3 consta um conjunto de medidas de controle mecânico, biológico e químico dirigidas ao controle de criadouros.

Medidas de Controle de Alados

É a adoção de qualquer tipo de ação que vise eliminar, repelir ou capturar alados, ou ainda introduzir barreiras mecânicas para impedir seu acesso. O programa atual inclui apenas medidas de controle para eliminar alados. No Anexo 3 constam os dois tipos de técnicas empregadas (Perifocal e Nebulização).

Recipiente Existente

É todo recipiente que, no momento da vistoria, pelas suas características apresente potencial para proliferação de larvas. (Podendo ou não conter água);

Recipiente Pesquisado

É todo recipiente no qual for realizada a pesquisa larvária.

3.2 Atividade de Casa a Casa

Consiste nas visitas realizadas aos imóveis de uma determinada Área, para desenvolver ações de controle de criadouros. A atividade será organizada em duas modalidades com características e objetivos diferentes. (Nesta atividade o agente deve OBRIGATORIAMENTE retirar os criadouros que não tiverem utilidade para o morador)

Rotina/Demanda

Visa orientar e estimular os responsáveis pelos imóveis a adotar os cuidados necessários e executar, durante a visita, medidas de controle indicadas para os problemas encontrados, possíveis de serem reproduzidas pelo responsável. Além disso, visa identificar recipientes predominantes dentre os que apresentaram larvas em cada Setor.

A atividade Casa a Casa, na modalidade “Rotina”, é dirigida a todos os imóveis da área urbana e dos aglomerados rurais, sendo excluídos, apenas, os Pontos Estratégicos, os Imóveis Especiais e os apartamentos acima do 1º andar de edifícios que, segundo avaliação anterior (Cadastro de Quarteirão), não apresentem situações favoráveis à proliferação do vetor. Além disso, está previsto o retorno para atendimento de “Demanda”, ou seja, para a

solução de problemas que exigiram nova visita para execução de medida de controle ou para verificação de cuidados adotados pelo responsável.

Intensificação

Visa direcionar ações de controle para os setores mais problemáticos, de acordo com a avaliação realizada. Para tanto deverá ser elaborado um plano de ação.

Sendo a periodicidade do trabalho de “Rotina” geralmente semestral, será possível elaborar para os Setores mais problemáticos dois planos de “Intensificação” por ano: um antecipando-se ao período de maior risco de ocorrência de dengue (novembro/dezembro) e outro, para o início do período de menor risco (maio/junho).

Ações a serem desenvolvidas na “Rotina”

Esta atividade inclui a vistoria, pesquisa e ações de controle do vetor em todos os imóveis de cada Setor. Tem como finalidades principais, realizar:

- vistoria completa (intra e peridomicílio), pesquisa larvária de recipientes conforme item II-4, registro de informações sobre recipientes com larvas no boletim, porém sem coleta de amostras de larvas;
- RETIRADA DE CRIADOUROS EXISTENTES, COM OU SEM LARVAS;
- orientação ao responsável pelo imóvel sobre os cuidados necessários para evitar criadouros de *Aedes aegypti* no imóvel sob sua responsabilidade;
- execução das medidas de controle mecânico e uso de produtos caseiros de ação larvicida, quando necessário.

O uso de larvicida Organofosforado ou biológico ficará restrito a situações especiais encontradas em determinados imóveis e ao Bloqueio de transmissão. Portanto, durante períodos não epidêmicos, os agentes não devem levar a campo o larvicida. Seu uso, para situações especiais, será autorizado e agendado pelo supervisor.

A vistoria de todos os recipientes de difícil acesso deverá ser garantida, pelo menos, na programação da “Rotina” referente ao 2º semestre.

Algumas medidas de controle dificilmente poderão ser efetuadas durante as visitas de “Rotina”, mas poderão, se pouco frequentes, ser efetuadas mediante atendimento de “Demanda” ou se bastante frequentes pelo trabalho de “Intensificação”.

Exemplos:

- melhoria da vedação de caixas d água e de outros depósitos;
- remoção de recipientes maiores como pneus, latões, tambores, etc.;
- remoção de recipientes inservíveis em quantidade que dificulte a adoção de medidas, visando solucionar o problema, durante a visita;
- colocação de areia grossa nos vasos de flores com água e pratos de xaxim não justapostos aos vasos e que não possam ser eliminados;
- colocação de peixes larvófagos em alguns tipos de recipientes.

Redução de pendência de trabalho

Para redução da pendência de trabalho, em função de imóveis fechados ou com recusa, o supervisor deverá organizar uma maneira para que estes imóveis pendentes sejam visitados, alterando o horário de trabalho e/ou programando trabalho aos sábados. Evitar atender pendência, de um determinado mês, no mês seguinte. Ficará a cargo do gerente de cada unidade a elaboração de plano de trabalho para a redução de pendência, de forma que está não ultrapasse os 20%. (Poderão por exemplo, ser programados trabalhos para a redução de pendências, aos sábados, domingos ou mesmo em horários diferenciados).

Abordagem ao morador pelo agente

Na abordagem inicial, o agente deverá apresentar-se, identificando-se, esclarecendo o motivo da visita e solicitando o acompanhamento da pessoa. Desta atitude dependerá a boa receptividade, o acesso ao imóvel e o interesse do munícipe em seguir as orientações.

A visita é uma oportunidade que o Agente tem para observar os modos de morar, as condições do ambiente da casa e de seus arredores, estabelecendo as recomendações/cuidados necessários para o controle do vetor, naquela determinada situação e reforçar a continuidade de condutas já incorporadas.

Ao incluir o assunto “dengue” na conversa, o agente deve verificar se a pessoa detém algum conhecimento sobre a doença e sobre o vetor, verificando se o mesmo percebeu a existência de larvas ou mosquitos no imóvel. Para isso, o uso de mostruário do ciclo evolutivo, ou pelo menos das larvas poderá facilitar a conversa.

Na execução dos procedimentos de controle é importante que o agente demonstre como realizar a conduta para controle mecânico ou alternativo, chamando a atenção para os

riscos que cada recipiente apresenta, bem como os cuidados para evitar ou reduzir a infestação.

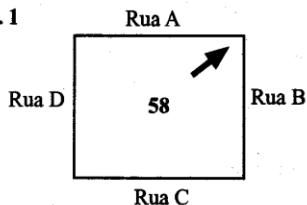
Deve explicar que o uso de produtos caseiros, como sal e água sanitária, eliminam as larvas, em locais e recipientes não removíveis e verificar se o morador possui os produtos, solicitando-os para fazer uma demonstração da aplicação. Demonstrar o uso das dosagens recomendadas e solicitar a continuidade do tratamento;

Excepcionalmente, quando for realizado o tratamento focal (restrito a Demanda), o agente deverá informar que está aplicando um larvicida, cujo tempo de atuação é de poucas semanas e, portanto o morador deverá colocar em prática as recomendações/cuidados repassados, para evitar proliferação de larvas.

Ao término da realização do trabalho verificar se o morador compreendeu as orientações, esclarecer as dúvidas e estimular a continuidade dos cuidados para impedir a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*.

Segue abaixo orientação para início de trabalho nas quadras

Fig. 1

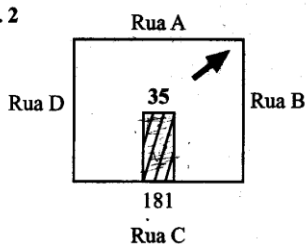


Q58

Rua B - TB (apenas 1 TB)

Identificada a quadra, no endereço do TB constará apenas o nome da rua pela qual será iniciada a vistoria do terreno baldio, anotando-se TB na coluna do complemento.

Fig. 2



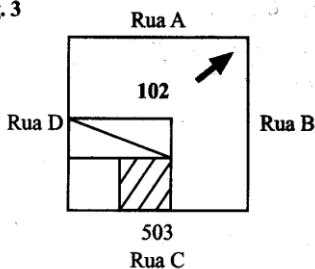
Q35

Rua B - TB (inclui TB desde a esquina Rua A/Rua B até a ED da Rua C nº 181)

Rua C nº 181 (ED)

Rua C - TB (inclui o TB desde a ED da Rua C nº 181 até a esquina Rua A/Rua B)

Fig. 3



Q102

Rua B - TB (inclui o TB desde a esquina Rua A/Rua B até a ED da Rua C nº 503)

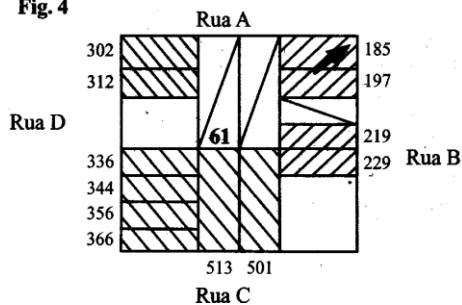
Rua C nº 503

Rua C - TB (inclui o TB desde a ED da Rua C nº 503 até o TBM da Rua D)

Rua D - TBM

Rua D - TB (inclui o TB desde o TBM da Rua D até a esquina da Rua A/Rua B).

Fig. 4



Q61

Rua B nº 185

Rua B nº 197

Rua B - TBM

Rua B nº 219

Rua B nº 229

Rua B - TB

Rua C nº 501

Rua C nº 513

Rua D nº 366

Rua D nº 356

Rua D nº 344

Rua D nº 336

Rua D - TB

Rua D nº 312

Rua D nº 302

Rua A - TBM

Legenda:



= ED = TBM = Esquina mais ao Norte

3.3 Pontos Estratégicos (PE)

São imóveis com maior importância na geração e dispersão ativa e passiva de *Aedes aegypti*. Os Pontos Estratégicos devem ser cadastrados para trabalho com atividade específica e podem ser divididos em dois grupos:

Grupo 1 – Imóveis que apresentam grande quantidade de recipientes em condições favoráveis à proliferação de larvas de *Aedes aegypti* (depósitos de pneus usados e de ferro velho, oficinas de desmanche de veículos, borracharias, oficinas de funilaria, cemitérios...), e portanto, em função da proliferação do vetor e de sua dispersão ativa na área adjacente podem contribuir de forma importante nos níveis de infestação dessa área. Podem, também, se destacar na dispersão passiva do vetor principalmente na fase de ovo, por meio do transporte de recipientes de um município para outro, em atividades comerciais.

Grupo 2 - Imóveis que geralmente apresentam pequena quantidade de recipientes, porém, em função da sua atividade ligada a transporte de mercadorias e passageiros, são importantes na dispersão passiva do vetor, principalmente na sua fase adulta (transportadoras, estações rodoviárias e ferroviárias, portos, aeroportos).

Os PEs apresentam vários ramos de atividade conforme segue:

- 01- Borracharias, Depósitos de Pneus, Recauchutadoras;
- 02- Depósitos de Materiais para Reciclagem, Oficinas de Desmanche;
- 03- Postos de Gasolina, Troca de Óleo;
- 04- Oficinas Mecânicas, Funilarias;
- 05- Lojas e Depósitos de Material de Construção;
- 06- Depósitos de Bebidas e Garrafas;
- 07- Garagens de Carros, Ônibus e Transportadoras, Marinas...;
- 08- Estações Rodoviárias e Ferroviárias;
- 09- Portos e Aeroportos;
- 10- Armazéns, Silos e Entrepósitos;
- 11- Depósitos de Containers;
- 12- Construções/Canteiros de Obras, Obras Paradas;
- 13- Cemitérios;
- 14- Floriculturas /Viveiros de Mudas;

15- Indústrias;

16- Outros.

3.4 Imóveis Especiais (IE)

São imóveis não residenciais de médio e grande porte que apresentam maior importância na disseminação do vírus da dengue, em situações de transmissão da doença, em função do grande fluxo e/ou permanência de pessoas e, além disso, a complexidade das edificações favorecem a proliferação do vetor.

Correspondem a imóveis como serviços de saúde, estabelecimentos de ensino, quartéis, penitenciárias, hotéis, templos religiosos, casas comerciais, indústrias, os quais serão selecionados mediante avaliação cadastral. As ações de vigilância e controle vetorial que neles precisam ser implementadas são, geralmente, mais trabalhosas e complexas que em outros imóveis. Dessa forma, para melhor monitoramento dos Imóveis Especiais, estes devem ser cadastrados para trabalho em atividade específica. Os IE's apresentam vários ramos de atividade conforme segue:

1- Hospitais;

2 - Serviços de Pronto Socorro;

3 - Ambulatórios, Unidades Básicas de Saúde;

4 - Estabelecimentos de Ensino;

5 – Conventos e Seminários;

6 – Asilos;

7- Hotéis, Colônias de Férias;

8 – Quartéis;

9 – Delegacias de Polícia;

10 – Penitenciárias;

11 -Templos Religiosos;

12 – Teatros;

13 - Centros Esportivos e/ou Culturais;

14 - Shopping Centers;

15 – Hipermercados;

- 16 - Outros Imóveis Comerciais de Grande Porte;
- 17 – Imóveis Industriais de Grande Porte;
- 18 - Campos de Futebol;
- 19 – Zoológicos;
- 20 – Clubes;
- 21 – Parques;
- 22 - Cidades Universitárias;
- 23 – Outros;

4. SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

As atividades de controle da dengue alimentam dois sistemas de informação: SISAED e o AEDES 7 ou em qualquer sistema em vigência. Esses sistemas tem uma rotina de alimentação mensal, com estratificação das informações desde a informação da quadra até a área de abrangência (quadra, setor censitário, área de abrangência). Essas informações devem estar contidas no Histórico do Imóvel (Anexo I) e condensadas pelo supervisor no relatório diário (Anexo II), que deve ser entregue à Gerente da Unidade para a alimentação do Placar da Saúde, e o relatório semanal de atividades (Anexo III), que deverá ser encaminhado ao Núcleo de Informações de Vigilância em Saúde (NIVS), por malote, no prazo máximo de dois dias úteis após o termino da semana (Ex.: o relatório deve ser enviado na terça-feira).

Quando executado alguma atividade de bloqueio mecânico, imóvel especial ou índice de breteau de vera ser preenchido o boletim de Vigilância e Controle (Anexo IV) e encaminhado, devidamente corrigido, ao NIVS, com no máximo 03 dias úteis após o término da atividade. Se na execução de alguma dessas atividades forem coletadas amostras de larvas, elas deveram ser encaminhadas pessoalmente pelos supervisores à Vigilância Ambiental, junto com os respectivos boletins para identificação.

É valido ressaltar que o Histórico do Imóvel é um documento oficial da Secretaria Municipal de Saúde e deve ser guardado nas respectivas Unidades de Saúde.

ANEXOS: Anexo 3 - MEDIDAS DE CONTROLE DO VETOR

1. MEDIDAS DE CONTROLE MECÂNICO E ALTERNATIVO DE CRIADOUROS

Os conhecimentos sobre as medidas de controle mecânico e alternativo devem embasar a orientação à população nas atividades de campo e a execução de ações de controle durante as visitas. Além disso, devem subsidiar todas as atividades de comunicação e mobilização social, bem como as normas sanitárias sobre o assunto.

1.1 ORIENTAÇÕES PARA UTILIZAÇÃO DE PEIXES LARVÓFAGOS PARA CONTROLE DE *Aedes Aegypti*.

1.1.1 Espécies de Peixes Larvófagos

As espécies facilmente encontradas no Estado de São Paulo, e que podem ser utilizadas em recipientes com diversos volumes de água são as seguintes:

Nome Científico	Nome popular	Onde obter	Origem	Comp.	Condições ideais da água	
					Temperatura	pH
<i>Poecilia reticulata</i>	Guppy, Guarú, barrigudinho.	Nos córregos e rios	América	4 cm	27° C	7,3
<i>Betta splendens</i>	Peixe de briga	Em lojas especializadas em peixes ornamentais	Tailândia	6 cm	26°C	7,0

Recomenda-se o uso desses peixes nos seguintes recipientes: bebedouros de grandes animais, fosso de elevador de construções, piscinas desativadas, fontes ou espelhos d'água, tambores ou tanques de água para uso nas hortas, caixa d'água de postos de gasolina (subterrânea), e outros usos domésticos, excluído seu emprego em água de consumo humano.

1.1.2 Criação

Poecilia reticulata: Podem ser criados em caixas d'água de 500 litros, as quais devem conter vegetação aquática, algumas pedras no fundo e 2 tijolos de oito furos, para servirem de refúgio, presos a borda da caixa e mergulhados na água a uma profundidade de 30 cm. Para a sobrevivência da espécie em caixas d'água, estas devem ficar de preferência em local fechado, para evitar alterações bruscas de temperatura, pois reduções muito acentuadas podem causar sua morte. Quanto à alimentação, utilizar ração de peixe, tendo o cuidado de não oferecer alimentos que contenham farinha. Para iniciar uma criação com esse volume d'água

(500 litros), deve-se colocar 24 exemplares, sendo 18 fêmeas e 6 machos (proporção de 3 fêmeas para 1 macho). O macho tem cores no corpo e nas nadadeiras. Sua nadadeira caudal costuma ser do mesmo tamanho do corpo, podendo atingir até 3 cm de comprimento. A fêmea tem cores somente no pedúnculo caudal e nas nadadeiras, podendo atingir 5,6 cm de comprimento. Possuem grande fertilidade. *Betta splendens*: Podem ser encontrados em lojas especializadas do ramo.

1.1.3 Quantidade de peixes segundo volume de água no recipiente e cuidados a serem adotados

Poecilia reticulata: Colocação de 1 macho e 3 fêmeas para cada 50 l de água. *Betta splendens*: Colocação de 1 macho para recipientes com até 4 mil litros de água. Em recipientes com quantidade de água superior a 4.000 l. não colocar nenhum macho e sim 2 fêmeas.

Tipos de recipientes	Cuidados	<i>P. retic.</i>	<i>B.splen</i>
Bebedouro de animais com saída de água	Colocar uma tela plástica fina no cano de escoamento de água. Quando for feita a limpeza dos mesmos retirar os peixes com peneira e retorná-los após.	X	
Piscinas desativadas com lâmina d'água	Colocar tela plástica fina na saída de água para a bomba	X	
Reservatório em horta, com saída d'água.	Colocar tela plástica fina no cano de escoamento de água	X	X
Reservatório tipo tambor, em hortas.	Evitar redução muito grande no volume d'água, por tempo prolongado.	X	X
Caixas d'água subterrânea de postos de gasolina	Colocar tela plástica fina no cano da bomba de recalque.	X	X
Fosso de elevador em prédios em construção	Manter os peixes até sua ativação	X	
Fontes e espelhos d'água.	Colocar tela plástica fina no cano de escoamento de água e fornecer alimentação aos peixes, em função da limpeza freqüente desses recipientes.		X

Observações:

1. Os peixes não são sugados pelos animais, quando da utilização da água, pois fogem para o fundo, ao menor movimento na água,.
2. A colocação de peixes só deve ser feita em recipientes que não são lavados freqüentemente. A limpeza semanal é suficiente como medida de controle de larvas, dispensando o emprego de peixes larvófagos. Além disso, para sua sobrevivência, os peixes precisam de algas e outros tipos de alimentos que são eliminados durante a limpeza.

1.2 RECOMENDAÇÕES PARA O CONTROLE MECÂNICO E ALTERNATIVO (PRODUTOS CASEIROS).

RECIPIENTE	RECOMENDAÇÕES/CUIDADOS	RECIPIENTE EXISTENTE=CRIADOURO POTENCIAL *
depósito elevado ligado a rede	mante-la sempre com tampa sem frestas e realizar limpeza semestral ou telada, enquanto estiver sendo providenciado a tampa. Proteger o ladrão com tela ou valvula de vedação.	depósito sem tampa, com tampa quebrada, mal vedada (com madeira, telhas onduladas, plásticos, etc.), com cano de ladrão sem proteção, com entrada para cano de água com folga
não ligado a rede	mante-la sempre tampada e realizar limpeza pelo menos 2 vezes por semana no verão	depósito sem tampa, com tampa quebrada, mal vedada (com madeira, telhas onduladas, plásticos, etc.).
depósito não elevado ligado a rede	mante-la sempre com tampa sem frestas e realizar limpeza semestral ou telada, enquanto estiver sendo providenciado a tampa. Proteger o ladrão com tela ou valvula de vedação.	depósito sem tampa, com tampa quebrada, mal vedada (com madeira, telhas onduladas, plásticos, etc.), com cano de ladrão sem proteção, com entrada para cano de água com folga
depósito não elevado não ligado a rede	mante-la sempre tampada e realizar limpeza pelo menos 2 vezes por semana no verão	depósito sem tampa, com tampa quebrada, mal vedada (com madeira, telhas onduladas, plásticos, etc.).
vaso com planta na agua	Colocar a planta em vaso com terra. Lavar e guardar o antigo vaso emborcado ou seco ao abrigo da chuva. Trocar a água 2 vezes por semana no verão e, de preferência escovar a parede interna dos vasos e lavar com água corrente as raízes das plantas. Plantas em água para criar raiz - vedar a boca do vaso com algodão, tecido ou papel alumínio, ou trocar a água 2 vezes por semana no verão e de preferência, lavar o vaso com bucha.	Vaso ou floreiro contendo água e, que pelas condições da água e/ou informações do responsável, se verificar que não é protegido pela troca de água ou contendo areia, mas com água ultrapassando o nível desta. Plantas em água para criar raiz sem vedação da boca do vaso e que pelas condições da água e/ou verificação na pesquisa que não é protegido pela troca de água.
Vasos de plantas diversos	Nivelar e manter com terra ou areia, pedra, gelatina os vasos ou furar as laterais acima do nível da terra para evitar o acúmulo da água	vasos de plantas com água acumulada acima da nível da terra, areia, pedra, gelatina, etc
Pratos de vasos de plantas	Regar as plantas sem excesso , evitando acúmulo nos pratos. colocar espuma nos pratos, com exceção naqueles com raízes Eliminar os pratos, principalmente os localizados na área externa. Utilizar pratos justapostos. Substituir pratos, por outros menores justapostos, remanejando os já existentes. Utilizar pratos anti-dengue (com aba protetora). Furar os pratos. Emborcar os pratos sob os vasos. Adicionar areia nos pratos (ver orientação). Eliminar a água acumulada nos pratos depois de regar as plantas, e de preferência, também escovar os pratos e a parede externa dos vasos.	Prato não justaposto, sem aba protetora, sem furos, não emborcado, com areia no máximo até a metade da altura do prato, com água no momento da visita ou, sem água mas que, segundo informações do responsável, não é protegido pela eliminação da água após a rega da planta.
Pingadeira de vaso de planta.	Eliminar as pingadeiras, sempre que possível. Adicionar areia até a borda. Colocar ½ colher (sopa) de sal, toda vez que esvaziar a pingadeira. Eliminar a água acumulada nas pingadeiras depois de regar as plantas, e de preferência escovar a pingadeira.	Pingadeira com areia no máximo até 2 dedos da borda; ou pingadeira sem areia e com água no momento da visita e que segundo informações do responsável não está protegida pelo sal, ou pingadeira sem água e que segundo informações do responsável a água não é eliminada logo após a rega do vaso.

Outras pingadeiras (pingadeira de torneira, vazamento de encanamento, cotovelo de cano de água, para calhas, etc)	Eliminar as pingadeiras, sempre que possível. Adicionar areia até a borda. Colocar ½ colher (sopa) de sal, toda vez que esvaziar a pingadeira. Eliminar a água acumulada nas pingadeiras depois de regar as plantas, e de preferência escovar a pingadeira.	Pingadeira com água no momento da visita e que segundo informações do responsável não está protegida pelo sal, ou outro produto alternativo. Pingadeira sem água e que segundo informações do responsável a água não é eliminada.
Bebedouro de consumo animal	Reduzir o número de bebedouros.	Bebedouro de tamanho pequeno que pelas condições da água e/ou pelas informações do responsável, se verificar que não é protegido com a troca de água pelo menos 2 vezes por semana no verão.
	Trocar a água, no mínimo, 2 vezes por semana no verão e escovar o bebedouro.	
	Colocar peixes larvófagos ou lavar e trocar a água 2 vezes por semana no verão quando o bebedouro for de tamanho grande e/ou fixo orientar o proprietário a fazer inspeção periodicamente	Bebedouro de tamanho grande e/ou fixo sem peixes larvófagos e que pelas condições da água e/ou pelas informações do responsável se verificar que não é protegido pela troca de água pelo menos 2 vezes por semana no verão.
depósito de água para construção	mantê-lo sempre tampado . quando em desuso manter sempre emborcado.	depósito sem tampa, com tampa quebrada, mal vedada (com madeira, telhas onduladas, plásticos, etc.).
depósito de água para horticultura	mantê-lo sempre tampado com tampa própria, tela fina ou plástico.	depósito sem tampa, com tampa quebrada, mal vedada (com madeira, telhas onduladas, plásticos, etc.).
piscina desmontável e/ou de fibra	Lavar e trocar a água pelo menos semanalmente em períodos de uso. Escovar, desmontar e guardar em local coberto em períodos sem uso.	piscinas que pelas condições da água e/ou pelas informações do responsável se verificar que não está sendo efetuada a limpeza e troca semanal da água. piscinas desmontadas ao relento.
lata, frasco, plástico utilizáveis	mantê-los sempre em posição que não acumule água ou guardados em local coberto.	todo material ao relento que possibilite acúmulo de água.
garrafas retornáveis	mantê-las sempre tampadas, emborçadas ou guardadas em local coberto.	garrafas sem tampa de boca para cima.
balde/regador	mantê-los sempre emborçados ou guardados em local coberto.	ao relento de boca para cima ou com água independente do local.
material de construção	mantê-los em posição que não acumule água ou guardados em local cobertos.	Todo material ao relento que possibilite acúmulo de água.
ralo de Box de uso diário.	cobri-lo com tapete de tecido ou de qualquer outro material que impeça a entrada de mosquitos (sem orifícios). utilizar ralo com tampa - abre e fecha nas áreas internas, mantendo-a na posição fechada telá-lo com tela tipo mosquiteiro adicionar água sanitária (meio copo de água sanitária) ou qualquer outro desinfetante semanalmente.	ralo sem tampa abre-fecha, nem tela, nem cobertura por tapete ou objeto e que pelas informações do responsável, não está protegido por água sanitária ou outro desinfetante.
ralo de pia, lavatório e tanque sem uso frequente	tampá-lo com tampa apropriada (telada), ou tampá-los com qualquer material: algodão, espuma, tecido (imóveis desocupados).	Ralo de pia, lavatório, tanque sem uso frequente, sem proteção adequada
Ralo externo e canaletas de drenagem para água de chuva (subsolo e áreas externas) com caixa de areia ou pontos de acúmulo de água	eliminar as caixas de areia ou pontos de acúmulo de água, preenchendo-os com argamassa. telá-los adicionar produto alternativo após cada chuva ou após escoamento de água de lavagem do local.	Ralos com acúmulo de água, não telados e que, pelas informações do responsável, não estão protegidos pela aplicação de produtos alternativos
Laje	mantê-las sempre limpas, com os pontos de saída de água desentupidos, e sem depressões que permitam acúmulo de água (limpeza periódica, poda de árvores, nivelamento com massa de cimento ou temporariamente com areia).	Lajes que pelas condições encontradas e/ou pelas informações do responsável, se verificar que não estão limpas ou estão entupidas ou apresentam depressões onde acumula água.

Calhas	Mantê-las sempre limpas, desentupidas e sem pontos de acúmulo de água (limpeza periódica, poda de árvores, nivelamento adequado).	Calhas que pelas condições encontradas e/ou pelas informações do responsável, se verificar que não estão sendo limpas e desentupidas e que apresentam pontos de acúmulo de água.
Vasos sanitários	Mantê-los com tampas adequadas fechadas, caso contrário cobrir com saco plástico.	Vasos sanitário destampados ou não vedado que pelas condições da água e/ou informações do responsável, se verificar se não está sendo acionada a válvula duas(2) vezes por semana, ou adicionado produtos alternativos.
caixa de descarga sem uso frequente	acionar a válvula duas(2) vezes por semana. Tampá-la com filme de polietileno ou saco plástico aderido a caixa com fita adesiva.	Caixa de descarga sem uso frequente, sem tampa ou não vedada e nem vedação com filme de polietileno e, que segundo informação do responsável a descarga não é acionada duas(2) vezes por semana
Piscina	Em períodos de uso: Efetuar o tratamento adequado incluindo cloro, de preferência, granulado, para manter um residual de cloro ativo, de acordo com norma sanitária. Em períodos sem uso: Reduzir o máximo possível o volume d'água e realizar, semanalmente, uma super cloração, (Ver tabela 2), considerando o volume d'água que permaneceu. TENHO DUVIDAS SE A PISCINA FOR DE AZULEJO NA REDUÇÃO DO VOLUME DE ÁGUA. NÃO CAUSA PROBLEMAS DE TRINCAS? Tratamento focal em piscinas de imóveis desabitados ou em obras. Entrar em contato com o proprietário do imóvel para tomar as medidas acima.	Piscina em uso, que pelas condições da água e/ou informações do responsável, se verificar que não está recebendo o tratamento adequado. Piscina sem uso, que pelas condições da água e/ou pelas informações, se verificar que não está recebendo o tratamento necessário.
Copo de água do Santo.	Tampar o copo com pano ou pires.	Copo com água para o santo não coberto com pano ou pires.
Pneus em desuso ou com uso alternativo.	retirá-los do imóvel, entregando-os em pontos de coleta de pneus, ou agendando seu recolhimento pela Prefeitura Municipal. guardá-los secos em local coberto. quando precisarem permanecer ao relento, tratá-los com sal (1 copo cheio). Quando utilizados para balanço, é suficiente um único orifício no seu nível mais baixo.	Pneu ao relento, contendo água ou não, ou sob cobertura, mas com água, e que segundo informações do responsável, não está protegido com adição de sal. Pneu ao relento, utilizado para balanço e sem orifício no seu nível mais baixo.
Pneus(outros correlatos: manchão e câmaras de ar).	Caso não tenha utilidade, eliminar. Caso seja útil, guardar em local coberto.	Ao relento, contendo água ou não, ou sob cobertura, mas com água.
Garrafas de vidro ou de plástico úteis para o responsável-pelo imóvel.	Guardá-las secas em local coberto e de preferência tampadas ou emborcadadas. Se ao relento, deixá-las tampada ou emborcadadas, especialmente as de plástico.	Garrafas ao relento, não emborcadadas ou sem tampa, ou contendo água, mesmo em local coberto.
Cacos de vidro no muro.	Quebrar os gargalos e fundos de garrafas e/ou colocar massa de cimento, nos locais que acumulem água.	Cacos de vidro dispostos de forma a permitir o acúmulo de água.
Caiaque e Canoa. Barco	Guardá-los secos em local coberto, ou caso precisem ficar ao relento, protegê-los e guardá-los virados para baixo.	Caiaque, canoa, barco ao relento e não virados para baixo.
Ocos de árvore e cercas de bambu	Cortar o bambu na altura do nó. Preencher os ocos com massa de cimento, terra ou areia	Ocos de árvore e bambu não preenchidos com massa de cimento, areia ou terra, com ou sem água.
Filtros ou Potes d' água.	mantê-los bem tampados com tampa própria, com pires ou pratos e, sempre que não ficarem bem vedados, cobri-los com um pano embaixo da tampa	filtros ou potes mal vedados

Baldes ou bacias sem uso diário	manter-los emborcados , de preferência em local coberto ou seco ao abrigo da chuva.	balde ou bacia sem uso diário ao relento e não emborcados, ou contendo água, mesmo em local coberto.
Aquários.	Mantê-los tampados ou telados ou com peixes larvófagos.	Aquários sem tampa ou tela e sem peixes larvófagos.
Bandejas de Aparelhos de Ar Condicionado	colocar mangueira para fluir a água ou furar a bandeja do aparelho de ar condicionado	bandejas de ar condicionado sem mangueira ou não furadas contendo ou não água no momento da visita.
Bandejas de Bebedouro de água mineral, de Geladeira ou outros pequenos depósitos de água de degelo de geladeira.	Lavar a bandeja ou pequeno depósito da geladeira semanalmente e adicionar uma colher de sopa de "detergente"? não é sal ou água sanitária? .	Bandejas de bebedouro de água mineral de Geladeira ou outros pequenos depósitos contendo água no momento da visita e sem detergente.
Lona para proteção da água ou segurança de piscina.	Instalar bóias (câmaras de ar de pneus) sob a lona, no centro da piscina, para facilitar o escoamento da de chuva, evitando acúmulo de água sobre a lona. ESSA EU NÃO CONHEÇO	Lona de cobertura de piscina sem declividade do centro para as bordas.
Lona/Encerado plástico	Eliminar caso não tenha utilidade. Casa seja útil, dobrar e guardar em local coberto. Caso esteja servindo p/cobrir equipamentos, peças ou outros materiais, cortar o excesso, de modo a permitir que o plástico ou a lona fique rente aos materiais cobertos, evitando sobras no solo/piso. Sempre que houver pontos de acúmulo de água, retirar o plástico ou lona e refazer a cobertura.	Plástico ou lona inadequadamente disposto, permitindo acúmulo de água.
Fosso de elevador(construção).	Esgotar a água, por bombeamento, pelo menos duas vezes por semana. Colocar peixes larvófagos.	Fosso com água, que pelas suas condições e/ou informações do responsável, se verificou que não é efetuado o bombeamento da água pelo menos duas vezes por semana.
Masseira construída no chão em desuso(construção civil)	ELIMINAR A MASSEIRA OU COBRIR COM TERRA	Masseira permite o acúmulo de água.
Masseira manual - tipo caçamba.	Emborcar ou guardar em local coberto quando não estiver em uso.	Masseira ao relento com ou sem água.
Entulho de construção(vaso sanitário, pia, cx descarga, telhas, etc.	Eliminar utilizando a coleta de lixo especial ou caçamba.	Entulhos ao relento contendo ou não água.
Bromélia.	Substituir por outro tipo de planta que não acumule águas nas axilas das folhas. Regar abundantemente com mangueira sob pressão, 2 vezes por semana no verão. Quando plantadas em vasos, remover a água acumulada entre as folhas, virando o vaso quando possível ou com uso de espuma.	Bromélia com larvas ou que segundo informações do responsável, não é regada abundantemente com mangueira sob pressão 2 vezes por semana no verão, ou se plantada em vaso, mesmo sem acúmulo de água entre as folhas, o responsável informe que não adota cuidados para evitar o acúmulo de água.
Tambor, bombona, barril e latão.	Emborcar bombonas, barris e latões. Devem de preferência ser guardados em local coberto e quando mantidos ao relento devem ficar emborcados ou deitados e levemente inclinados sobre um calço, de forma a evitar acúmulo de água.	Bombona, barril ou latão ao relento e não emborcados ou emborcados ou deitado sem calço.
Peças e sucatas em geral.	Guardar, furar, eliminar, acondicionar de forma correta e tratamento focal quando necessário.	Peças em geral quando ao relento com água ou em condições de acumular água.
Armadilha para formiga do tipo vasilhame com água.	Adicionar algum tipo de produto alternativo.	Armadilha do tipo vasilhame com água que pelas informações do responsável não é tratada com produto alternativo.
Observação: Técnica de utilização de areia: adicionar areia úmida no prato, em torno do vaso até a borda ou furo existente. Para pratos com correntes, utilizar o mesmo procedimento, nivelando areia no prato até a altura dos orifícios de sustentação da corrente. Especificação de tela de mosquito: Tela de nylon para mosquito com trama de 1 milímetro. Dar preferência a telas de 1,5 ou 2,0 metros de largura, para melhor aproveitamento do material para cobertura de diversos tamanhos de caixas d'água.		

1.3 CONDUTAS PARA SITUAÇÕES DIFERENCIADAS

a- Piscinas:

Caso sejam encontradas larvas, programar atendimento de Demanda, de preferência para o dia seguinte. Solicitar ao responsável que reduza o volume d'água ao mínimo possível e providencie cloro líquido, para realizar a supercloração (tabela 2), na visita de atendimento de Demanda. Nas situações em que o responsável não providenciar cloro, será realizado o tratamento focal. A quantidade de larvicida a aplicar, deverá ser determinada para o volume de água existente na piscina e não para a sua capacidade total (Tabelas 3 e 4). Orientar o responsável sobre a limpeza que deverá ser efetuada no dia seguinte à supercloração ou tratamento focal e sobre a manutenção adequada para evitar proliferação de larvas.

b- Caixas d'água:

- Caixas d'água sem vedação adequada (sem tampa, com tampa quebrada, com tampa que mantém frestas e pontos de entrada para o mosquito): orientar o responsável sobre as alternativas para vedar a caixa, agendando com ele o retorno para avaliação ou, se necessário, retornar para adotar a medida indicada pela SMS para essas situações. Exemplo: colocação de tampa e/ou capa ou tela de mosquiteiro. Quando for utilizada capa ou tela, estas devem ficar bem esticadas e presas para evitar que sua parte central encoste na água. Manter em cima da capa ou tela, a tampa mesmo que danificada, ou aquelas improvisadas pelo morador como folhas de madeiras, telhas Brasilit, etc, para não aumentar a produção de algas e o nível de exposição da água a partículas suspensas no ar. Na dificuldade de prender a tela bem esticada, colocá-la por cima da tampa. Orientar o responsável sobre a necessidade de providenciar a tampa específica para aquela caixa. É importante que a vedação seja antecedida com a limpeza da caixa d'água pelo responsável.

- Caixas d'água localizadas em área externa e sem proteção do ladrão: orientar o responsável a colocar uma "touca" com meia ou outro pedaço de tecido na boca do cano, amarrando com barbante, de preferência adotar esta medida durante a visita.

- Caixas d'água sem vedação das conexões dos canos (entrada, saída, ladrão): orientar o responsável a fazer a vedação com guarnições próprias ou massa plástica, e a realizar a limpeza da caixa após a vedação.

- Caixas d'água com presença de larvas: reduzir o volume d'água e adicionar água sanitária conforme tabela 2 (item IV- 1.4) durante a visita. Se não for possível adotar essas medidas,

durante a visita, retornar no dia seguinte e aplicar a água sanitária, orientando o responsável a realizar a limpeza da caixa em seguida.

c- Filtros ou potes d'água com larvas: eliminar a água, escovar e tampá-lo adequadamente.

d- Calhas e lajes: Programar para atendimento de Demanda, os imóveis com lajes ou calhas entupidas e/ou com pontos de acúmulo de água. Retornar para verificar as providências adotadas pelo responsável ou para efetuar a limpeza onde se verifique dificuldade para o responsável providenciar medidas indicadas.

e- Material removível: Inutilizá-los através de compactação ou perfuração ou colocá-los no saco de lixo do imóvel. Quando dispostos em terrenos baldios, inutilizá-los por compactação e perfuração ou colocá-los em sacos de lixo, deixando-os na calçada para sua coleta.

Observação: Encaminhar para a Vigilância Sanitária, situações em que se verifique o responsável na solução do problema detectado

1.4 TABELAS PARA USO DE PRODUTOS CASEIROS

Tabela 1 - Quantidade de sal de cozinha a colocar em recipientes para controle de larvas de *Aedes aegypti*. Concentração de sal na água do recipiente – 2% (20 g de sal/litro de água)

QUANTIDADE DE ÁGUA NO RECIPIENTE	QUANTIDADE DE SAL
Até 0,5 litros	1 colher de sopa
1 litro	2 colheres de sopa
5 litros	10 colheres de sopa (1 copo)
50 litros	1 Kg
100 litros	2 Kg
200 litros	4 Kg
300 litros	6 Kg
400 litros	8 Kg
500 litros	10 Kg

Importante: O sal não pode ser aplicado em qualquer recipiente, mas apenas naqueles indicados no item 1.2

Tabela 2 – SUPERCLORAÇÃO - Quantidade de água sanitária ou cloro líquido a ser colocada em recipientes para eliminação de larvas de *Aedes aegypti*, segundo volume de água a tratar e concentração de cloro ativo de produtos comerciais (2,5%, 5% ou 10%)

VOLUME DE ÁGUA EXISTENTE NO RECIPIENTE A TRATAR (LITROS)	QUANTIDADE DE CLORO A COLOCAR NO RECIPIENTE, SEGUNDO CONCENTRAÇÃO DO PRODUTO COMERCIAL		
	ÁGUA SANITÁRIA	ÁGUA SANITÁRIA	CLORO A 10%
20	200 ml (1 copo)	100 ml (0,5 copo)	50ml (0,25copo)
50	500 ml (2 copos)	250 ml (1 copo)	125ml (0,5 copo)
100	1 litro	500 ml (2 copos)	250ml (1 copo)
200	2 litros	1 litro	500ml (2copos)
300	3 litros	1.5 litros	750 ml (3 copos)
400	4 litros	2 litros	1 litro
500	5 litros	2,5 litros	1,25 litros
1000	10 litros	5 litros	2,5 litros
2000	20 litros	10 litros	5 litros

Concentração de cloro ativo na água do recipiente: 250 mg de cloro ativo/ litro de água do recipiente.

Importante:

- Utilizar as dosagens desta tabela apenas para tratamento de água que não será consumida para qualquer fim, como por exemplo, água de piscina desativada, de ralos internos com sifão, de caixas d' água com larvas.
- Se a água do recipiente estiver bastante poluída ou com muitas algas, recomenda-se dobrar a dosagem da tabela, ou seja, adicionar o dobro da quantidade especificada para cada volume a tratar.
- Quando o recipiente estiver com larvas, solicitar ao morador ou responsável que observe 12 a 24 horas após o tratamento. Observando-se a presença de larvas vivas, complementar a dosagem. Quanto maior a dosagem aplicada, menor será o tempo para se obter a mortalidade de todas as larvas.

- É importante matar as larvas antes de eliminar a água de caixas de água, piscinas ou ralos, para evitar que estas sobrevivam, principalmente se a água dos recipientes tratados escoar para sistemas de água pluvial.

2. MEDIDAS DE CONTROLE QUÍMICO

2.1. TRATAMENTO FOCAL

É o tratamento interno dos recipientes não removíveis e/ou não alteráveis de posição e/ou de estrutura, com larvicidas de baixa toxicidade. Deve-se evitar o tratamento de depósitos de água para consumo humano, o qual somente é recomendado em situações epidêmicas, em que esse tipo de recipiente for importante na manutenção da transmissão e não existirem outras alternativas de controle aplicáveis de forma imediata.

2.1.1 Larvicidas

Atualmente, os larvicidas utilizados são: temephos 1% (organofosforado) na formulação granulado- GR e *Bacillus thuringiensis* var *israelensis* - Bti nas formulações granulado- GR e grânulos dissolvíveis em água- WDG. Esses dois larvicidas foram aprovados pela Organização Mundial da Saúde para aplicação em água de consumo humano, sendo seu uso recomendado pela Fundação Nacional de Saúde- FUNASA, nas seguintes formulações: temephos na formulação GR e BTI na formulação WDG.

2.1.2 Cálculo das Doses a Aplicar

Para determinação da quantidade de larvicida a ser utilizada é necessário conhecer o volume do recipiente. Para este cálculo, utiliza-se regra básica como segue:

Depósitos retangulares ou quadrados; multiplica-se o comprimento (C em cm) pela largura (L em cm) e pela profundidade (P em cm) dividido por 1.000:

$$V = C \times L \times P / 1000 \rightarrow \text{será obtido resultado em litros}$$

Depósitos cilíndricos; multiplicar o diâmetro (D em cm) pelo diâmetro (D em cm) pela altura (H em cm) e por 8, dividido por 10.000:

$$V = D \times D \times H \times 8 / 10000 \rightarrow \text{será obtido resultado em litros}$$

Para facilitar o trabalho foram elaboradas as tabelas 3 e 4, onde constam, para cada faixa de volume, as quantidades respectivas de larvicida em gramas e medidas conhecidas correspondentes a doses determinadas.

2.1.3 DOSAGENS, CARGAS E EQUIPAMENTOS DE APLICAÇÃO

- Temephos 1% GR: Utiliza-se a dosagem de 1mg de ingrediente ativo para 1 litro de água ($1 \text{ ppm} = 1 \text{ g/ m}^3$). A carga contém 500g acondicionados na própria embalagem do fabricante. São utilizadas, para aplicação, colheres dosadoras e bisnaga plástica. A bisnaga de aplicação deverá ser previamente calibrada e abastecida com quantidades de 100g do produto. Realizar novo abastecimento quando o larvicida estiver ocupando 1 dedo de altura dentro da bisnaga (ver tabela 3) Este cuidado deve ser tomado porque a quantidade de larvicida que sai da bisnaga é diferente se a mesma estiver completamente cheia ou vazia.

- *Bacillus thuringiensis var israelensis*- **Bti GR**: Utiliza-se a dosagem de 1grama do produto comercial para 50 litros de água. A carga contém 100 gramas, acondicionados na própria embalagem do fabricante. Para tratamento de recipientes com grandes volumes de água devem ser confeccionados saches contendo 5 gramas. Não é recomendável confeccionar saches com mais de 5 gramas, para não dificultar a liberação de ingrediente ativo na água. Devem ser acondicionados 20 saches em embalagem plástica, formando uma carga (100gramas). Para aplicação, são utilizadas colheres dosadoras, além dos saches previamente preparados.

- *Bacillus thuringiensis var israelensis*- **Bti WDG**: Trata-se de formulação cujo uso deve ficar restrito ao tratamento de água para consumo humano. Utiliza-se a dosagem de 0,5 grama de produto comercial para 250 litros de água. A carga contém 100 gramas, que devem ser embalados em sacos plásticos, pela Área de Controle de Vetores, e levados a campo dentro de potes plásticos não transparentes, para proteção contra luz. Para aplicação, são utilizadas “colheres dosadoras para soro caseiro”.

2.2 TRATAMENTO PERIFOCAL

É a aplicação de inseticida de ação residual sobre as superfícies internas e externas de recipientes e sobre a porção de superfície vertical imediata a esses recipientes. Serão tratados os recipientes com água ou com possibilidade de contê-la, estejam os mesmos dentro de edificações ou ao relento.

2.2.1 Inseticidas e Equipamentos Utilizados

Diversos inseticidas podem ser empregados neste tratamento. Atualmente, no Estado de São Paulo, o fenitrothion (organofosforado) é o inseticida em uso, em função de detecção de resistência do *Aedes aegypti* à cipermetrina (piretróide).

O equipamento utilizado para esse tipo de tratamento é o pulverizador manual de compressão prévia: Guarany, de 5, 8 ou 10 litros de capacidade.

2.2.2 Procedimentos para Tratamento Perifocal

- PREPARAÇÃO DA CARGA

Para preparação da calda, deve-se colocar, em um balde de 5 litros, os pacotes de inseticida necessários e acrescentar, com cuidado, a quantidade de água suficiente para formar uma pasta (mais ou menos 1 litro d'água para cada pacote). Misturar bem com uma espátula e deixar descansar, no mínimo, durante 10 minutos. Após o tempo de repouso acrescentar água, na mesma quantidade inicialmente colocada, misturar bem e despejar na bomba, utilizando peneira. Colocar mais água, até completar 4 , 8 ou 10 litros. Agitar a carga com o auxílio da espátula e, em seguida, tampar a bomba, realizando o bombeamento. Durante o período em que a pasta permanece em repouso, o agente deverá dispor os materiais, a serem tratados, da forma mais adequada para facilitar o tratamento.

Evitar levar de restos de cargas de um PE para outro seguinte, calculando a quantidade de calda necessária a ser preparada (1 carga, 0,5 carga), e esgotar toda a calda preparada , reforçando o tratamento de alguns recipientes.

A tabela a seguir apresenta o volume dos três equipamentos de aplicação e a quantidade correspondente do produto comercial Fenitrothion 40 PM para preparação da calda (1 pacote= 250 gramas), para obtenção de uma dosagem média de 2g do ingrediente ativo/m² de superfície tratada:

Bombas manuais	Quantidade de água de 1 carga	Fenitrothion 40 PM
5 Litros	4 Litros de água	500 gramas (2 pacotes)
8 Litros	8 Litros de água	1.000 gramas (4 pacotes)
10 Litros	10 Litros de água	1.250 gramas (5 pacotes)

- TÉCNICA DE APLICAÇÃO

A pulverização deverá ser realizada com a pressão na bomba entre 25 e 55 libras/pol² e com bico Tee-jet 8002. Para recipientes grandes e paredes próximas a recipientes, a técnica de aplicação é a seguinte: inicia-se o tratamento com o bico a 45 cm das paredes dos recipientes e aplica-se o inseticida em toda a sua superfície externa, da esquerda para a direita, em franjas com superposição de 5 cm, e numa velocidade, condicionada através de treinamento, de 3 m de franja a cada 6,7 segundos. Em seguida usando a mesma técnica, tratar a superfície interna e por último a parede próxima, até 1 metro ao redor do recipiente ou dos recipientes.

Os pneus devem ser borrifados um a um por dentro e por fora, mantendo o bico a uma distância da superfície a tratar que evite desperdício de inseticida (a abertura do leque não deve ultrapassar a largura do pneu, aumentando a velocidade para evitar que o inseticida escorra em demasia). Para recipientes pequenos, de variados tipos, recomenda-se colocá-los juntos e borrifá-los.

A cada início de tratamento o agente deverá verificar a pressão e agitar a bomba. Observar freqüentemente a pressão na bomba e proceder a novo bombeamento sempre que esta se aproximar de 25 libras/pol².

Durante a aplicação, agitar a bomba após cada bombeamento, e a cada momento de interrupção para iniciar novo recipiente ou conjunto de recipientes, de forma a proceder a agitação mais ou menos de 2 em 2 minutos.

- RECIPIENTES ROCIÁVEIS E NÃO ROCIÁVEIS

A parede da qual se aproxima o recipiente será sempre rociável.

São rociáveis totalmente os seguintes recipientes: pneus, blocos de cimento, latas, objetos sem utilidade, sucatas de diversos tipos, tanques sem peixes, cacos de vidro em muros, calhas mal niveladas;

São rociáveis apenas na sua superfície externa: reservatórios de água (tambores, tonéis, caixas d'água.) excetuando-se aqueles com água para consumo humano;

Não são rociáveis: os demais recipientes.

2.2.3 CUIDADOS DURANTE A APLICAÇÃO E MEDIDAS DE PROTEÇÃO DO OPERADOR

- Evitar a presença de pessoas e animais domésticos, próximo ao local da aplicação;
- Realizar a devida cobertura de depósitos de água se estes estiverem próximos do local de aplicação;
- Recomendar ao responsável pelo imóvel para não varrer nem lavar, nas próximas quatro semanas, as superfícies tratadas.
- Os EPI's indicados para as várias atividades e ações de controle de *Aedes aegypti* e os cuidados relacionados com seu uso, contam nas Instruções Normativas n.º 01, 05, 07 e 09 do Ministério do Trabalho.

2.3 NEBULIZAÇÃO

A nebulização realizada com equipamento portátil, cujas gotas, por serem maiores que as da nebulização realizada com equipamento pesado, apresentam menor alcance tanto na horizontal, como na vertical, tem a sua eficácia diminuída apenas em condições meteorológicas bastante diferenciadas, como ventos com alta velocidade, chuvas e altas temperaturas (acima de 35 °C).

2.3.1 Equipamentos utilizados e cuidados na sua utilização

Podem ser utilizados vários equipamentos que preencham as características para aplicações a UBV de pequeno alcance: vazão de 30 a 50ml/min e gotas aspergidas com diâmetro mediano (NMD) em torno de 30 micra. Atualmente, a Vigilância Ambiental utiliza os nebulizadores costais Jacto 2000UBV e Guarany. Para obter uma vazão adequada para UBV, os nebulizadores Jacto 2000 devem utilizar as pastilhas de cor bege e os Guarany as pastilhas de cor laranja. Durante a aplicação do inseticida, utilizar aceleração máxima. Outros cuidados adicionais devem ser adotados na utilização do nebulizador Guarany: abastecer o tanque com no máximo 4 litros de mistura e realizar a aplicação até que o volume chegue no mínimo a 1 litro no tanque. Este procedimento visa obter maior homogeneidade na vazão, (a vazão varia conforme o volume de líquido no tanque), além de reduzir a fadiga do operador. Para

viabilizar este procedimento é necessário realizar marcações no tanque nas alturas correspondentes a 1 e 4 litros.

2.4.2 Inseticidas utilizados e preparação das misturas

Para nebulização, a Vigilância Ambiental utiliza o seguinte inseticida: Malation grau técnico -GT (Organofosforado) em função do surgimento de resistência do *Aedes aegypti* à cipermetrina. Nas nebulizações a Ultra Baixo Volume- UBV com equipamento portátil, as misturas utilizadas são padronizadas conforme consta na tabela a seguir:

INSETICIDA	MISTURA DO PRODUTO COM ÓLEO DE SOJA
Malathion 95-96% UBV	1 parte de Malathion 95-96% UBV para 2 partes de óleo de soja (1:2)

2.4.3 Organização da atividade de nebulização

Cada equipe contará com no máximo 3 trios de agentes, trabalhando cada trio em quarteirões distintos. Para melhor coordenação e supervisão do trabalho pelo supervisor e para facilitar o abastecimento e guarda das máquinas nos períodos em que o trio não está realizando a nebulização, os quarteirões a serem trabalhados devem estar localizados o mais próximo possível, e a sequência do trabalho deverá ser programada de maneira a não ocorrer o distanciamento entre os trios. Os agentes de cada trio deverão se revezar no uso da máquina, durante o trabalho de cada dia, ou em dias alternados. As etapas do trabalho de cada trio nos quarteirões são as seguintes:

A- Revezamento diário no uso da máquina pelos agentes:

Etapas 1: Dois agentes visitarão casas separadamente no 1º Quarteirão ou conjunto de 25 imóveis: entregarão o folheto contendo orientações sobre a preparação da casa (ver anexo) informando ao morador sobre como proceder nas várias situações encontradas. Eliminarão e/ou tratarão possíveis criadouros ainda existentes (“rescaldo”). O terceiro agente preencherá o Boletim na atividade Bloqueio- Nebulização, deixando para anotar o X em nebulização quando da sua realização.

Etapas 2: Dois agentes voltarão às primeiras casas orientadas: um deles verificará a preparação das casas e completará o que for necessário, anotar o X em nebulização naquelas que forem

nebulizadas, além de controlar o tempo de aplicação do colega que estiver com a máquina (no máximo 1 hora de trabalho ininterrupto) e de informá-lo sobre situações que exijam cuidados especiais; o outro agente realizará a aplicação de inseticida com o nebulizador costal. O agente, que permaneceu adiantado na sequência de trabalho, deverá iniciar nova folha de boletim e dar continuidade às visitas para orientação de preparação da casa e “rescaldo” no mesmo quarteirão, se ainda existirem casas a serem trabalhadas e/ou no quarteirão seguinte.

Etapa 3: Quando o agente que estava com a máquina interromper a nebulização, deverá levá-la até a viatura, abastecê-la com combustível e/ou inseticida se necessário, retirar todos os EPI's e descansar por 15 minutos. Enquanto isso, o agente que estava trabalhando próximo deste, deverá se juntar ao colega que estava na frente. O terceiro, após descanso, fará o mesmo. O trio deverá então repetir os mesmos procedimentos da Etapa 1, até existirem cerca de 25 casas trabalhadas no boletim para que se efetue a nebulização.

Etapa 4: Dois agentes deverão retornar ao imóvel onde será dada continuidade à nebulização e repetir os mesmos procedimentos da Etapa 2. O agente que trabalhará com a máquina não deverá ser mesmo da Etapa 2.

Etapa 5: Repetir os procedimentos da etapa 3, e assim por diante.

B - Revezamento em dias alternados no uso da máquina pelos agentes:

- Nesta opção, a aplicação de inseticida transcorrerá a cargo de 1 dos agentes, com os outros 2 colegas desenvolvendo as demais ações; sendo que haverá revezamento do trabalho com a máquina em dias alternados. O agente que estiver operando a máquina deverá adotar o cuidado de descansar por 15 minutos, após cada 01 hora de operação. As Etapas de trabalho seguirão o mesmo roteiro do item A

2.4.4 Imóveis a serem tratados

Tratamento de todos os tipos de imóveis: residências, casas comerciais, escolas, serviços de saúde incluindo hospitais (descartar enfermarias), Pontos Estratégicos, praças /jardins e terrenos baldios.

Imóveis fechados: Pelos muros laterais, ou seja, realizar o tratamento parcial.

Agendar com antecedência: escolas e serviços de saúde.

2.4.5 Técnica de tratamento em cada imóvel

1 \Rightarrow Ir até o fundo do quintal, com a máquina ligada, mas sem aspergir inseticida, observando as características do imóvel e organizando mentalmente toda a sequência da aplicação do inseticida pelo imóvel.

2 \Rightarrow Iniciar a aplicação no fundo do quintal (5 a 8 m do muro), caminhando lentamente – metade da velocidade do caminhar normal - e movimentar o bocal da máquina em todas as direções (direita, esquerda, para baixo e para cima sempre que existirem árvores ou materiais em níveis mais elevados).

3 \Rightarrow O intra domicílio é tratado pelo lançamento do inseticida através das janelas e portas abertas com cortinas recolhidas, inclusive o Box do banheiro. Parar, em cada janela ou porta de casas térreas durante 5 segundos (contar 101, 102, 103, 104, 105), podendo excepcionalmente, a critério do Encarregado ou Supervisor, reduzir esse tempo para 3 segundos em casas com cômodos muito pequenos (tipo COHAB). Girar o bocal entre 20 e 45° em relação ao solo, se a máquina utilizada for a Jacto, e permanecer com o tubo direcionador de ar na horizontal, se a máquina utilizada for a Guarany, pois seu bocal já apresenta uma inclinação de aproximadamente 35°. No tratamento do 1º andar de sobrados ou apartamentos, inclinar o bocal (em torno de 60° em relação ao solo se a máquina for a Jacto e inclinar levemente se for a Guarany) em direção às portas/janelas elevadas durante 15 segundos (contar 101, 102, 103, 104..... 114, 115).

4 \Rightarrow Encerrar a aplicação pela área da frente do imóvel, direcionando rapidamente o jato de inseticida para árvores que existirem na calçada.

5 \Rightarrow As orientações para a preparação do imóvel constam no informe a seguir, o qual deverá ser entregue ao morador ou responsável.

2.4.6 Cuidados durante a aplicação e medidas de proteção do operador

A adequada preparação da casa visa obter eficácia da nebulização e efetuar a com segurança para as pessoas que residem ou frequentam aquele imóvel. Assim é fundamental orientar os responsáveis pelos imóveis para que estes preparem adequadamente os imóveis e se ausentem do mesmo pelo período indicado. Na carta de orientação, em anexo, constam todos os cuidados necessários para que o tratamento do imóvel seja realizado com segurança.

Tabela 3. Quantidade de temephos granulado 1% aplicado de acordo com a capacidade do recipiente para obter dosagem de 1 ppm de ingrediente ativo.

Volume do Recipiente (litros)	Quantidade do produto comercial	
	em gramas	em medidas
Menor ou igual a 5	0,5	Utilizar a bisnaga (1 pitada)
06 50	5	0,5 colher de sopa
51 100	10	1 colher de sopa
101 150	15	1,5 colher de sopa
151 200	20	2,0 colheres de sopa
201 250	25	2,5 colheres de sopa
251 300	30	3,0 colheres de sopa
301 350	35	3,5 colheres de sopa
351 400	40	4,0 colheres de sopa
401 450	45	4,5 colheres de sopa
451 500	50	5,0 colheres de sopa
501 600	60	6,0 colheres de sopa
601 700	70	7,0 colheres de sopa
701 800	80	8,0 colheres de sopa
801 900	90	9,0 colheres de sopa
901 1000	100	1 medida – bisnaga*
1001 1100	110	1 medida – bisnaga e 1 colher de sopa

1 carga = 500 gramas do produto comercial (embalagem do fabricante)

* Na bisnaga deverá ser demarcada a altura até a qual o temephos gr 1% contido corresponda a 100 gramas. Essa marca, além de orientar o abastecimento da bisnaga, que não deverá conter mais de 100 gramas, também servirá como medida, quando a quantidade de larvicida a aplicar for de 100 gramas ou mais.

Para valores acima de 1.100 litros adotar os seguintes procedimentos:

Para cada 5.000 litros aplicar 500 g (1 carga)

Para cada 1.000 litros aplicar 100 g (1 medida-bisnaga)

Para cada 100 litros aplicar 10 g (1 colher de sopa)

Exemplo: Preciso tratar um recipiente com capacidade de 8.400 litros. Que quantidade de temephos gr. 1% devo aplicar? 5.000 litros – 1 carga 3.000 litros – 3 medidas-bisnaga

400 litros – 4 colheres de sopa

R: Devo aplicar 1 carga, 3 medidas-bisnaga e 4 colheres de sopa de temephos gr 1%

Tabela 4. Quantidade de *Bacillus thuringiensis* var *israelensis*- Bti granulado que deve ser aplicado de acordo com a capacidade do recipiente para obter dosagem de 1 grama do produto comercial para 50 litros de água.

Volume (litros)	Dosagem (gramas)	Aplicação
Até 50	1	01 colher de café
51 – 100	2	02 colheres de café
101 – 150	3	03 colheres de café
151 – 200	4	04 colheres de café
201 – 250	5	01 sachê
500	10	02 sachês
750	15	03 sachês
1.000	20	04 sachês
1.500	30	06 sachês
2.000	40	08 sachês
2.500	50	10 sachês
3.000	60	12 sachês
4.000	80	16 sachês
5.000	100	20 sachês = 1 carga

Importante: não utilizar esta formulação para tratamento de água para consumo humano.

Observações:

- A carga BTI gr: 100 gramas do produto comercial (embalagem do fabricante)
- A carga de sachês convencionada é de 100 gramas, sendo acondicionadas 20 unidades por saco plástico;
- A anotação das cargas de sachês nos boletins seguirá o mesmo procedimento da carga a granel.

DIFLUBENZURON - LARVICIDA

Inibe o crescimento dos insetos, impedindo a formação da quitina (elemento essencial do exoesqueleto, com função de proteção mecânica). Leva à má formação e esterilidade nos insetos adultos, caso consigam eclodir. Permite um efetivo controle de larvas, com baixa dosagem, reduzindo desta forma, os riscos de intoxicação e contaminação.

PREPARAÇÃO: SOMENTE O SUPERVISOR FARÁ A DILUIÇÃO DO PÓ PARA A FORMAÇÃO DA SUSPEÇÃO MÃE. CONFORME TABELA A SEGUIR:

Pó Molhável a 25%	Volume de Água	Volume a ser tratado
3g (1G + 3P)	1000ml	3000ml
1,4g (4P)	500ml	1500ml
0,70g (2P)	250ml	750ml
0,35g (1P)	125ml	375ml
G = corresponde ao lado maior da colher dosadora, P = corresponde ao lado menor da colher dosadora.		

A SOLUÇÃO MÃE PODE SER UTILIZADA POR 7 DIAS, APÓS ESSE PERÍODO EFETUAR NOVA PREPARAÇÃO.

APLICAÇÃO

Para volumes pequenos de água a tratar: Considerar de 1 a 3 litros = 1 ml de mistura de diflubenzuron;

Para volume maior que 1.000 L utilizar o Pó Molhável conforme a tabela ao lado.

IMPORTANTE

Utilizar o larvicida com critério, somente em locais com presença de larvas e/ou água e cujos recipientes não possam ser descartados ou alterados de forma a impedir a proliferação do vetor.

Volume do Depósito (Litros)	Volume Susp. Mãe (ml)	Número de Colheres		Conversão da SM para gramas (Digitação no sistema)
		Pequena (0,35 g)	Grande (2,0 g)	
1 a 3	1	-	-	0,01
4	1,5	-	-	0,01
5 a 6	2	-	-	0,01
7 a 8	2,5	-	-	0,01
9 a 10	3,5	-	-	0,01
20	7	-	-	0,02
30	10	-	-	0,03
40	13,5	-	-	0,04
50	17	-	-	0,05
100	33,5	-	-	0,10
200	67	-	-	0,20
250	83	-	-	0,35
500	167	-	-	0,7
1.000	-	3	-	1,05
1.500	33,5	4	-	1,5
2.000	-	-	1	2,00
2.500	167	-	1	2,50
3.000	-	3	1	3,05
3.500	33,5	4	1	3,50
4.000	-	-	2	4,00
4.500	167	-	2	4,50
5.000	-	3	2	5,05

TRABALHO DE COMBATE À DENGUE

Prezado(a) Senhor(a):

A equipe de Nebulização da Secretaria Municipal de Saúde visitará sua casa para fazer aplicação de inseticida contra o mosquito da dengue.

► **Prepare sua casa.**

> **GUARDE EM LUGAR FECHADO OU CUBRA:**

- alimentos, água e utensílios de cozinha;
- roupas limpas e/ou penduradas no varal (mesmo molhadas).

> **CUBRA:**

- comedouros e bebedouros de animais e gaiolas de passarinhos.

> **RETIRE OU MANTENHA LEVANTADAS:**

- roupas de cama;
- toalhas de mesa.

> **MANTENHA ABERTAS:**

- portas, janelas e cortinas para facilitar a entrada do inseticida.

► Durante a aplicação do inseticida, permaneça na calçada com as crianças e os animais de pequeno porte, permanecendo fora da casa, pelo menos, 20 minutos depois do final da aplicação de inseticida.

► Se na sua casa houver pessoas doentes ou acamadas, estas deverão ser mantidas no quarto, com as portas e janelas fechadas, aí permanecendo, pelo menos, 30 minutos depois do final da aplicação.

ATENÇÃO: O INSETICIDA PULVERIZADO MATARÁ APENAS OS MOSQUITOS QUE ESTIVEREM NA SUA CASA NO MOMENTO DA APLICAÇÃO.

EVITE A CRIAÇÃO DE NOVOS MOSQUITOS ELIMINANDO TODOS OS RECIPIENTES E LOCAIS QUE POSSAM ACUMULAR ÁGUA.

VOCÊ É RESPONSÁVEL PELA SAÚDE DE SUA FAMÍLIA.

SEM A SUA PARTICIPAÇÃO SERÁ IMPOSSÍVEL ACABAR COM A DENGUE





PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
DIRETORIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
VIGILÂNCIA AMBIENTAL




HISTÓRICO DO IMÓVEL										
Área de Abrangência:				Micro-Área:		Setor:				
Rua / Av.				Número da Quadra:		Número do Imóvel:				
Complemento:				N.º de Animais no Imóvel	Cão:	Gato:	Porco:	Galinha:	Cavalo:	
Responsável:				N.º		Boi / Vaca:		Tipo de Imóvel		
Telefone:				Outros:						
Ciclo	Data		Visita		Tratam. Químico/ Produto Alternativo	Controle Mecânico	Assinatura do responsável pelo imóvel no momento da visita	Risco	Situação Imóvel	Tratamento Químico
	Dia	Mês	Ano	Situação do Imóvel						
										Produto Alternativo
										2- Sim 3 - Não
										TIPO DE RECIPIENTE
										A- DEPÓSITO ELEVADO
										1- LIGADO À REDE
										2- NÃO LIGADO À REDE
										B- DEPÓSITO NÃO ELEVADO
										1- LIGADO À REDE
										2- NÃO LIGADO À REDE
										C- LAVAÇÃO
										5- VASO DE PLANTA NA ÁGUA
										6- VASOS DE PLANTA (GIVERES)
										7- PRATO / FINGIDERA
										8- CONSUMO ANIMAL
										9- DEPÓSITO DE CONSTRUÇÃO
										10- DEPÓSITO DE CONSTRUÇÃO
										11- PEÇA DE DEMONSTRAÇÃO
										12- LATA, FRASCO, PLÁSTICO UTILIZÁVEL
										13- GARRAFAS RETORNAVEIS
										14- BALDE / REGADOR
										15- BANDEJA DE LADREIA / AR COND.
										16- MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
										17- OUTROS
										18- RALO INTERNO
										19- RALO EXTERNO
										20- LAJE
										21- CALHA
										22- VASO SANITÁRIO / CO. DESCARGA
										23- BORDA DE CIMENTO
										24- DEPÓSITO DE CONSTRUÇÃO
										25- DEPÓSITO DE PORTA-LADREIA
										26- CONSUMO ANIMAL
										27- OUTROS
										E- PRECIS
										28- PRECIS
										29- PRECIS COMBUSTÍVEL
										30- LATA, FRASCO, PLÁSTICO
										31- GARRAFA DE CARTÃO
										32- LONA ENCRUADO, PLÁSTICO
										33- ENTULHO DE CONSTRUÇÃO
										34- PEÇAS E SUJAS
										35- MANGUEIRA
										36- MANGUEIRA
										37- OUTROS
										G- MATERIAIS
										38- COO DE ÁRVORE E BAMBUI
										39- BROMÉLIAS
										40- OUTROS
										Agente:
										Supervisor:


AVALIAÇÃO DE RISCO DO IMÓVEL		Busca Ativa
Casa	0 - Bem mantida, recém-pintada ou nova 1 - Moderadamente bem mantida 2 - Não bem mantida (Pintura descascada, itens quebrados ou velha)	
Quintal (Área externa Descoberto)	1 - Criadouro(s) com água, mas sem a presença de larvas. 2 - Criadouro(s) com quantidade contável de larvas (Até 10 larvas) 3 - Criadouro(s) com quantidade incontável de larvas.	
Quintal (Área externa Coberto)	1 - Criadouro(s) com água, mas sem a presença de larvas. 2 - Criadouro(s) com quantidade contável de larvas (Até 10 larvas) 3 - Criadouro(s) com quantidade incontável de larvas.	
Área Sombreada	1 - Alguma sombra (Permanece com sombra um período do dia) 2 - Sombreado (durante todo o período do dia não bate sol)	
Chão	1 - Terra 2 - Terra e Piso 3 - Piso	
Casa de Alto Risco	De 09 à 13 pontos	SEMPRE QUE HOUVER BUSCA ATIVA POSITIVA (SIM) ORIENTAR O MORADOR A PROCURAR UMA UNIDADE DE SAÚDE PARA AVALIAÇÃO.
Casa de Médio Risco	De 05 à 08 pontos	
Casa de Baixo Risco	Até 04 pontos	

ANEXO II

 RELATÓRIO DIÁRIO DE PRODUÇÃO 											
COORDENAÇÃO DE VIGILÂNCIA AMBIENTAL - Controle da Dengue											
ÁREA DE ABRANGÊNCIA:						DATA:					
SUPERVISOR:											
Agente		Agente		Agente		Agente		Agente		Agente	
Setor:		Setor:		Setor:		Setor:		Setor:		Setor:	
Quadra		Quadra		Quadra		Quadra		Quadra		Quadra	
	Total		Total		Total		Total		Total		Total
Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada	
Fechada		Fechada		Fechada		Fechada		Fechada		Fechada	
Recusa		Recusa		Recusa		Recusa		Recusa		Recusa	
Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada	
Agente		Agente		Agente		Agente		Agente		Agente	
Setor:		Setor:		Setor:		Setor:		Setor:		Setor:	
Quadra		Quadra		Quadra		Quadra		Quadra		Quadra	
	Total		Total		Total		Total		Total		Total
Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada	
Fechada		Fechada		Fechada		Fechada		Fechada		Fechada	
Recusa		Recusa		Recusa		Recusa		Recusa		Recusa	
Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada	
Agente		Agente		Agente		Agente		Agente		Agente	
Setor:		Setor:		Setor:		Setor:		Setor:		Setor:	
Quadra		Quadra		Quadra		Quadra		Quadra		Quadra	
	Total		Total		Total		Total		Total		Total
Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada		Trabalhada	
Fechada		Fechada		Fechada		Fechada		Fechada		Fechada	
Recusa		Recusa		Recusa		Recusa		Recusa		Recusa	
Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada		Abandonada	
Assinatura e Carimbo do Supervisor						Assinatura e Carimbo do Gerente					



RELATÓRIO SEMANAL DE PRODUÇÃO - Controle da Dengue



**PREFEITURA
de SÃO JOSÉ
do RIO PRETO**
SECRETARIA DE SAÚDE

SUPERVISOR:

PERÍODO DE EXECUÇÃO:

ÁREA DE ABRANGÊNCIA:

Nome do agente

Microárea

Setor:

Quadra

Dia:

Total

Trabalhada

Fechada

Recusa

Abandonada

Microárea

Setor:

Quadra

Dia:

Total

Trabalhada

Fechada

Recusa

Abandonada

Microárea

Setor:

Quadra

Dia:

Total

Trabalhada

Fechada

Recusa

Abandonada

Microárea

Setor:

Quadra

Dia:

Total

Trabalhada

Fechada

Recusa

Abandonada

Microárea

Setor:

Quadra

Dia:

Total

Trabalhada

Fechada

Recusa

Abandonada

Microárea

Setor:

Quadra

Dia:

Total

Trabalhada

Fechada

Recusa

Abandonada

Microárea

Setor:

Quadra

Dia:

Total

Trabalhada

Fechada

Recusa

Abandonada

Assinatura e Carimbo do Supervisor

Assinatura e Carimbo do Gerente



BOLETIM DE ATIVIDADES DE VIGILANCIA E CONTROLE

ATIVIDADES	
1- PONTO ESTRATÉGICO	
2- PESO DE ARMADILHAS	
3- DELIMITAÇÃO DE FOCO (CÓDIGO)	
4- BLOQUEIO - CONTR. CRIM.	
5- BLOQUEIO - NEBULIZAÇÃO	
6- ARMATILHA	
7- IMÓVEIS ESPECIAIS	
8- CRIM. ESPECÍFICOS	
9- CASA A CASA - ROTINA	
10- CASA A CASA - INTENSIFICAÇÃO	
11- OUTROS	
12- ADL	

☐ ROTINA ☐ PENDÊNCIA ☐ DEMANDA FOLHA: ____ / ____
 MUNICÍPIO: **SÃO JOSÉ DO RIO PRETO** CÓDIGO: **3549805**
 ÁREA: _____ SETOR: _____ SETOR CENSTÁRIO: _____
 QUART: _____ EXECUÇÃO: _____ DATA: ____ / ____

TIPO DE RECIPIENTE
A. BARRIL DO CIMENTO
1. LIGADO A REDE
2. NÃO LIGADO A REDE
B. DEPÓSITO NÃO ELEVADO
1. LIGADO A REDE
2. NÃO LIGADO A REDE
C. MÓDULOS
6. VAGOS DE PLANTA (VAPORIS)
7. FRATO / FRAGUEIRA
8. CONSUMO AMAL
9. DEPÓSITO DE PARTICULATULA
10. DEPÓSITO DESMONTAVEL
13. GARRAFAS DE BEBIDÁVEIS UTILIZÁVEIS
14. BALDE / REGADOR
15. BANCADA GELADEIRA / AR COND.
17. OUTROS
D. TÍPICO
18. PULO INTERNO
19. PULO EXTERNO
20. LAJE
21. CALHA
22. SANITÁRIO / CY. ESCARVAR
23. PISCINA
24. DEPÓSITO DE FIBRO / CY. ESCARVAR
25. DEPÓSITO DE PARTICULATULA
26. CONSUMO AMAL
27. OUTROS
E. FERRIS
28. FERRIS
29. OUTROS CORRELATOS
F. PASSÍVEIS REMOÇÃO AL TUBERAÇÃO
31. GARRAFAS ESCARVAVELIS
32. GARRAFAS ESCARVAVELIS
33. LONA ENERGO, ELÁSTICO
34. LONA ENERGO, ELÁSTICO
35. ENLUTOS DE CONSTRUÇÃO
36. MASSAS
37. MASSAS
38. BARCO
39. OUTROS
G. ANTIQUÍOS
38 - COO DE APÓRE E BAMBUI
39 - BROMELIAS
40 - OUTROS

PENDÊNCIA
F. FECHADO
D. DESOCUPADO
T. TEMPORADA
P. PARCIAL
R. RECUSA

<p>CAMPO</p> <p>RESPONSÁVEL</p> <p>VISTO</p>	<p>LABORATÓRIO</p> <p>DATA</p> <p>RESPONSÁVEL</p>
--	---

NÚMERO DE IMÓVEIS POSITIVOS

aegypti: _____

albopictus: _____

ambos: _____

[illegible]

BIBLIOGRAFIA

Vigilância em saúde e território utilizado: possibilidades teóricas e metodológicas. Maurício Monken; Christovam Barcello, Cadernos de Saúde Pública, Cad. Saúde Pública vol.21 nº03 Rio de Janeiro May/June 2005

Manual de Normas Técnicas da SUCEN 2009.